



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Paula Santos de Paula

**A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA:
ESTUDO A PARTIR DE DOCUMENTOS E RELATOS DE DOCENTES
DE DISCIPLINAS DIVERSAS**

**São Paulo
2024**

Paula Santos de Paula

**A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA:
ESTUDO A PARTIR DE DOCUMENTOS E RELATOS DE DOCENTES
DE DISCIPLINAS DIVERSAS**
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientadora: Profa. Dra. Fatima Regina Machado

São Paulo
2024

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Paula, Paula Santos de

A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA:
ESTUDO A PARTIR DE DOCUMENTOS E RELATOS DE DOCENTES DE
DISCIPLINAS DIVERSAS / Paula Santos de Paula; orientadora Fatima Regina
Machado. -- São Paulo, 2024.

106 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Psicologia da Religião. 2. Formação Profissional em Psicologia. 3. Formação
de Psicólogas e Psicólogos. 4. Graduação em Psicologia. 5. Religiosidade. I.
Machado, Fatima Regina, orient. II Título.

Nome: Paula Santos de Paula

Título: A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: ESTUDO A PARTIR DE DOCUMENTOS E RELATOS DE DOCENTES DE DISCIPLINAS DIVERSAS

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedicatória:

*Dedico esse trabalho a todas as
pessoas que amam a Psicologia
e se empenham para
desenvolver a área.*

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para minha família que sempre me apoiou a buscar a realização dos meus sonhos. Agradeço de forma especial ao meu marido Marcelo por estar sempre ao meu lado me incentivando, me apoiando, me tranquilizando e, principalmente, me ouvindo e discutindo comigo todas as etapas desse trabalho. Agradeço também a minha linda filhota Marcela, que surgiu na minha vida no início da elaboração do projeto de pesquisa que originou esse trabalho e, desde então, com seus olhinhos meigos e seu sorriso encantador ela vai me dando razões para seguir meus projetos de vida.

Agradeço imensamente a minha querida e inteligentíssima orientadora, Professora Dra. Fatima Regina Machado, por ter confiado na minha capacidade e me ensinado a ser pesquisadora. Agradeço também o Professor Dr. Wellington Zangari por ter me acolhido tão bem em suas aulas e por ter me apresentado a Psicologia da Religião.

Agradeço também ao Prof. Dr. Geraldo José de Paiva e ao Prof. Dr. Douglas Piasson por terem me avaliado na minha banca de qualificação. E aos professores Douglas Leite Piasson, e Leomar Nascimento de Jesus (membros titulares), Gustavo Martineli Massola, Mariana do Nascimento Arruda Fantini e Camila Mendonça Torres (membros suplentes) por terem aceitado o convite para compor minha banca examinadora do mestrado presidida por minha orientadora.

Agradeço a Universidade de São Paulo por ter me permitido cursar as disciplinas inicialmente como aluna especial e posteriormente como aluna do programa de mestrado.

Agradeço aos colegas que conheci nas aulas e nos grupos de estudos relacionados à Psicologia da Religião.

Agradeço aos participantes das entrevistas semidirigidas que compartilharam comigo informações essenciais para esse trabalho.

Agradeço a Deus pela minha vida e por tudo que vivi para chegar até aqui. Com a Psicologia da Religião eu aprendi que eu não precisaria abandonar minha religiosidade para ser uma boa psicóloga e pesquisadora.

E por último eu gostaria de agradecer a mim mesma por ter decidido estudar Psicologia, por não ter desanimado mesmo diante das adversidades do dia a dia e por confiar que todo o esforço valeria a pena.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar a abordagem ou não da Psicologia da Religião (PR) durante o curso de graduação em Psicologia. A investigação foi feita por meio de: 1) entrevistas semidirigidas realizadas com 10 docentes que não lecionam (ou não lecionaram) disciplinas relacionadas à PR e/ou atuam (ou atuaram) na supervisão de estágios acadêmicos nos últimos 10 anos; e 2) pesquisa documental realizada em ementas de disciplinas disponibilizadas pelos docentes entrevistados. Os dados obtidos na investigação foram tratados e analisados seguindo as diretrizes propostas por Bardin e a compreensão destes teve como referência materiais teóricos pertinentes à área. Os resultados obtidos confirmaram as seguintes hipóteses: 1) temas ligados à PR estão presentes na formação de psicólogas(os) de forma indireta ou não oficial; e 2) questões relacionadas à PR são abordadas na supervisão do estágio acadêmico. Conclui-se que a PR ainda não é uma área conhecida entre os docentes, entretanto temas e demandas relacionadas a ela são percebidas durante a docência na graduação. Os docentes apontaram como importante e necessário promover espaços para se discutir sobre PR no contexto acadêmico e, com isso, contribuir para a formação de profissionais aptos a compreender como aspectos psicossociais se relacionam com a religiosidade que, conseqüentemente, participa da constituição da subjetividade do indivíduo.

Palavras-chave: Psicologia da Religião; Formação Profissional em Psicologia; Formação de Psicólogas e Psicólogos; Graduação em Psicologia; Religiosidade

ABSTRACT

The purpose of this paper was to investigate whether the Psychology of Religion (PR) was discussed during the undergraduate Psychology course. The investigation was carried out through: 1) semi-structured interviews carried out with 10 professors who do not teach (or have not taught) classes related to PR and/or work (or have worked) in supervising academic internships in the last 10 years; and 2) documentary research carried out in classes program delivered by the interviewed professors. The data obtained in the investigation were processed and analyzed following the guidelines proposed by Bardin and their comprehension used theoretical materials relevant to the area as reference. The results obtained confirmed the following hypotheses: 1) matters related to PR are present in the training of psychologists indirectly or unofficially; and 2) PR-related issues are addressed in academic internship supervision. It is concluded that PR is not a known study field among teachers, however, matters and demands related to it are perceived during undergraduate teaching. Teachers pointed out that it is important and necessary to promote spaces to discuss PR in the academic context and thus contribute to the training of professionals capable of understanding how psychosocial factors relate to religiosity and, consequently, participates in the constitution of the individual's subjectivity.

Keywords: Psychology of Religion; Professional Psychology Training; Psychologists' Undergraduate Training; Psychology Graduation; Religiosity

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES, HISTÓRICO ACADÊMICO E PROFISSIONAL.....	49
QUADRO 2: PERTENCIMENTO RELIGIOSO.....	51
QUADRO 3: CONCEITO DE RELIGIOSIDADE DE ACORDO COM A PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS.	56
QUADRO 4: OPINIÃO SOBRE ABORDAR RELIGIOSIDADE NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA	58
QUADRO 5: RELIGIOSIDADE EM SALA DE AULA.....	59
QUADRO 6: DISCUSSÕES SOBRE PSICOLOGIA DA RELIGIÃO EM SALA DE AULA	62
QUADRO 7: DESCONFORTO RELACIONADO A TEMAS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO EM SALA DE AULA.....	64
QUADRO 8: DEMANDAS RELACIONADAS À PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NO ESTÁGIO ACADÊMICO	67
QUADRO 9: PREPARO PARA LIDAR COM DEMANDAS RELACIONADAS À PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NO ESTÁGIO ACADÊMICO	68
QUADRO 10: RESULTADO DA PESQUISA DOCUMENTAL.....	72

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	15
1.1. A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NO BRASIL.....	22
1.2. A IMPORTÂNCIA DE SE ESTUDAR PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NA GRADUAÇÃO	28
1.3. ALGUNS TRABALHOS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO.....	30
CAPÍTULO 2 - DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	33
2.1. PERGUNTA DE PESQUISA.....	34
2.2. HIPÓTESES.....	34
2.3. OBJETIVOS.....	34
2.4. JUSTIFICATIVA.....	35
2.5. MÉTODO.....	36
2.5.1. <i>Participantes</i>	36
2.5.2. <i>Procedimentos</i>	37
2.5.3. <i>Aspectos éticos</i>	40
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
3.1. DAS ENTREVISTAS SEMIDIRIGIDAS.....	43
3.1.1 <i>Eixo 1: Formação acadêmica do participante e histórico profissional acadêmico (e clínico se for o caso) e pertencimento religioso</i>	44
3.1.2 <i>Eixo 2: Conhecimento sobre a Psicologia da Religião</i>	51
3.1.3 <i>Eixo 3: Temas da Psicologia da Religião na atividade de docente</i>	58
3.1.4 <i>Eixo 4: Dúvidas e comentários</i>	69
3.2. DA PESQUISA DOCUMENTAL.....	71
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS DOCENTES	

APRESENTAÇÃO

No fim de 2019 eu terminei a faculdade de Psicologia e um sentimento estranho tomou conta de mim. Ao mesmo que eu estava feliz por ter concluído minha segunda graduação, uma sensação de vazio me atormentava. Eu sabia que o que eu sentia não era o luto pelo término do curso ou algum tipo de insegurança para iniciar a carreira profissional. Levei essa questão à terapia e, após algumas sessões, identificamos que o sentimento estava relacionado a algo que eu gostaria de ter estudado e não havia estudado durante a faculdade. Começamos então a pesquisar o que poderia ser esse algo que faltava. Depois de algumas reflexões, percebi que o assunto de meu interesse poderia estar relacionado à Psicologia do Esporte, já que sou maratonista e apaixonada por corridas de ruas, ou ao incômodo que eu sentia quando comentava sobre o estágio que eu havia realizado em uma instituição mantida pela igreja católica direcionada à reabilitação de mulheres dependentes químicas que viviam em situação de rua. Mesmo já tendo finalizado o estágio, todas as vezes que eu falava sobre ele eu me sentia incomodada porque eu não conseguia compreender o porquê não havia sido discutido nenhum aspecto religioso na supervisão de estágio mesmo ele tendo sido realizado em uma instituição mantida por uma igreja.

Considerando essas duas possibilidades, eu ingressei em um curso de especialização de Psicologia do Esporte na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e me inscrevi como aluna especial na disciplina de pós-graduação intitulada Psicologia da Religião da Universidade de São Paulo (USP). Embora eu tenha gostado do curso de Psicologia do Esporte, a Psicologia da Religião (PR) me conquistou e começou a preencher a lacuna que havia na minha formação.

A PR se configura como uma área da Psicologia destinada ao estudo do comportamento religioso bem como dos processos psicológicos relacionados à religiosidade (maneira individual de se relacionar com a religião) e à espiritualidade (maneira individual

de atribuir sentido à vida)¹. Estudos desta área também abordam questões relacionadas a indivíduos que se dizem não religiosos pois a religião faz parte da cultura de uma sociedade e, devido a isso, ela participa de forma direta ou indireta da formação da constituição psíquica de todos os indivíduos que vivem em sociedade.

A cada aula de PR que eu participava, mais vontade eu sentia de estudar sobre seus desdobramentos. Eu não conseguia compreender como uma área tão presente e tão relevante na nossa sociedade estava de fora da grade dos cursos de Psicologia. Embora a PR seja reconhecida como uma área importante da Psicologia, não é comum encontrarmos cursos de graduação em Psicologia que possuam em sua grade oficial disciplinas específicas desta área. Entretanto, mesmo sem ter uma disciplina direcionada à área, ponderei ser possível que discussões relacionadas à PR ocorram no contexto acadêmico.

Pensando na lacuna que havia na minha graduação e na vontade de investigar a PR no contexto acadêmico, eu decidi desenvolver essa pesquisa de mestrado. Meu objetivo: investigar se a PR está presente na formação acadêmica mesmo que de forma não oficial. Eu acredito que, assim como eu senti falta de discutir sobre temas da PR na minha graduação, outros estudantes também podem passar por situações semelhantes ou até mesmo vivenciar situações em que sua religiosidade conflitua com seus anseios profissionais.

Escolhi investigar a PR no contexto acadêmico porque nele o estudante de Psicologia adquire a base para sua futura atuação profissional. Além disso, escolher o período de graduação em Psicologia nos possibilita analisar disciplinas de diferentes áreas de conhecimento e com isso é possível mostrar que a PR é um campo de estudo amplo que se intersecciona (ou pode se interseccionar) com outros campos.

¹ Os termos religiosidade e espiritualidade podem ser compreendidos ou explicados de forma diferente em outros trabalhos científicos, entretanto para esse trabalho optou-se a definição usada por Zangari e Machado (2022). Tais conceitos serão explicados com mais detalhes no capítulo 1.

Antes de expor como a pesquisa foi desenvolvida e os resultados obtidos, farei no capítulo 1 uma apresentação breve da PR, mostrando seus principais conceitos, sua trajetória histórica no Brasil, sua importância na Psicologia e alguns temas pesquisados em trabalhos científicos. Essa apresentação dá base para a compreensão do capítulo 4, que mostra a discussão dos resultados obtidos na pesquisa em confrontação com o referencial da bibliografia estudada.

O capítulo 2 apresenta o caminho de pesquisa percorrido. O capítulo 3 traz os resultados e análises dos dados coletados.

No capítulo 4 os resultados são discutidos e confrontados com o material teórico de referência utilizado nesse trabalho.

Por último, nas Considerações Finais, serão apontados elementos que emergiram nesse trabalho e contribuíram para o desenvolvimento da área. Além disso, mostrarei quais outros trabalhos poderão ser desenvolvidos a partir do que foi encontrado em minha dissertação.

Pretendo que esta pesquisa ajude a compreender como a PR se apresenta no contexto acadêmico e contribua com pistas para o fortalecimento da área.

CAPÍTULO 1 - A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

O presente capítulo destina-se a apresentar a Psicologia de Religião (PR) e alguns conceitos relacionados a ela. Cada conceito apresentado aqui tem como referência as definições utilizadas pelos principais pesquisadores e pesquisadoras dessa área de estudo. Explicar isso é importante porque alguns conceitos podem ser apresentados de outras maneiras em outras pesquisas ou em outras áreas.

Conforme mencionado brevemente na Apresentação, a PR se configura como uma área da Psicologia destinada ao estudo do comportamento religioso. Entende-se como **comportamento religioso** a relação do indivíduo com um objeto transcendente e este, por sua vez, é compreendido como algo que o indivíduo considera como sendo de uma dimensão sobrenatural, como por exemplo, o denominado Deus da cultura ocidental. Essa relação pode ser de aceitação, de rejeição ou de negação, dessa forma, a PR também estuda o comportamento de indivíduos que não se consideram religiosos. Vale ressaltar que não cabe à Psicologia da Religião investigar se o objeto transcendente com que o indivíduo se relaciona existe ou não e nem tão pouco tentar explicá-lo.

O entendimento do que seja qualificado como *religioso* provém do conceito de **religião** e este pode ser entendido de diversas maneiras dentro do campo científico. Os cientistas cognitivos da religião, por exemplo, entendem a religião como uma forma de dar sentido ao mundo por meio da cognição humana, ou seja, uma forma de explicar tudo que existe baseando-se na pressuposição de que o ser humano “humaniza” a realidade, atribuindo a esta características semelhantes às dos seres humanos, mas não idênticas pois extrapolam os limites e vontades humanas, tornando sua interpretação coerente (Zangari et al., 2019). Quem vive o contexto de uma **religião** atribui a ela um sentido social, sendo compreendida como o modo como o indivíduo se relaciona com algo que considera transcendente (este estudo utiliza este sentido como referência).

Além das maneiras mencionadas acima, o conceito de **religião** pode ser também compreendido como uma forma coletiva e institucionalizada de se relacionar com o transcendente. Essa relação ocorre de acordo com um sistema religioso de crenças ou doutrinas e por meio de práticas (rituais) (Zangari & Machado, 2022). Temos aqui as comumente conhecidas religiões. Existem diversas religiões em nossa sociedade e cada uma é direcionada por seu próprio sistema de crença, doutrina e como pratica seus próprios rituais. Vale ressaltar aqui também que não cabe à PR, estudar, explicar, julgar, criticar, avaliar, estimular, incentivar ou apoiar a religião ou qualquer tipo de religião.

Outro conceito importante para a PR é **religiosidade**. Nesse estudo ele será compreendido como uma dimensão individual da religião, ou seja, a maneira que um indivíduo vive a sua religião cotidianamente. Por se tratar de uma maneira individualizada de vivenciar aspectos religiosos, tal maneira pode ser diferente da maneira proposta ou orientada pela religião à qual o indivíduo se considera pertencente (Zangari & Machado, 2022).

Conforme mencionado anteriormente, a PR não estuda qualquer que seja a religião, entretanto, ela estuda os impactos que a religião tem na vida de um indivíduo e suas consequências (positivas e/ou negativas) na constituição da sua subjetividade e da sua identidade pessoal ou do grupo que ele esteja inserido (Zangari & Machado, 2022). Por falar em grupo, é importante mencionar que a PR também estuda o comportamento religioso em um âmbito cultural, levando em consideração as interações dos indivíduos com o meio em que vivem. Para Belzen (2009) a PR deve estudar a religiosidade como resultado de um indivíduo imerso no nível cultural de uma dada religião e esta deve ser vista também como um fenômeno cultural. Ele entende como cultura um sistema de sinais, regras, símbolos e práticas que estruturam a ação humana ao mesmo tempo que são modificados, reconstruídos e transformados pela própria ação humana.

Por último, apresento o conceito de **espiritualidade**, que é usado nesse estudo como a busca de sentido à vida, ou o sentido que atribuímos à vida, o que nos move ou nos motiva a viver, o que nos direciona a seguir ou o objetivo que gostaríamos de alcançar. O conceito de espiritualidade pode estar ou não relacionado à religiosidade. A espiritualidade estará relacionada à religiosidade quando um indivíduo atribui o sentido de sua vida a algo que tenha referência religiosa (Zangari & Machado, 2022). O conceito de espiritualidade não será abordado de forma aprofundada neste estudo, entretanto, como em algum momento pode haver alguma referência ao conceito, faz-se necessário que esse seja apresentado aqui, lembrando que ao se referirem à espiritualidade, não necessariamente os participantes deste estudo compreendem esse termo dessa forma.

A PR se configura como um campo de estudo da Psicologia, não sendo considerada uma abordagem e nem um campo que pertença exclusivamente a uma determinada abordagem. Por ser um campo que abrange diversos temas e que pode ser compreendido por diferentes perspectivas, pode-se dizer que uma das características da PR é a possibilidade de transitar por diferentes abordagens da Psicologia.

Belzen (2009) traz uma reflexão sobre qual seria a identidade da PR. Para o autor, ao mesmo tempo que é necessário e importante estabelecer algumas regras e diretrizes para o campo que se encontra em expansão, é também inviável delimitar a PR de forma rígida e restrita. Dessa forma, ele considera que a PR deva ser tratada como algo que pode ser moldado em decorrência das interações com o ambiente em que estiver inserido. Isso não significa que não haja diretrizes e recomendações para desenvolver trabalhos no campo. Zangari & Machado (2016), apresentaram uma lista com 10 itens a serem considerados na execução de pesquisas, estudos, trabalhos, atendimentos clínicos ou qualquer outra atividade relacionada à PR. Essa lista foi elaborada seguindo a proposta de Théodore Flournoy (1903) de excluir metodologicamente o elemento considerado transcendente do contexto a ser

estudado. Fazendo uma analogia aos 10 mandamentos bíblicos, os autores chamaram a lista proposta de 10 mandamentos da exclusão metodológica do transcendente.

1. Não afirmarás a existência do transcendente.

As teorias psicológicas não são teologias, portanto, nada podem dizer da realidade ontológica do objeto religioso. Cumpre aos(as) psicólogos(as) avaliar o comportamento religioso ou irreligioso do ser humano, ou seja, a significação que esse religioso, existente ou não, assume para um sujeito concreto. Afirmar a existência de um transcendente foge da esfera psicológica conquanto se refere à afirmação de uma realidade ultramundana para a qual a Psicologia (ou qualquer outra ciência) sequer é apetrechada metodologicamente.

2. Não afirmarás a inexistência do transcendente;

Trata-se, como em vários outros casos que se seguem, da negativo de outro postulado. Se cabe aos(as) psicólogos(as) exclusivamente a consideração do comportamento religioso e não da realidade do sobrenatural, então nem a afirmação, nem a negação do transcendente está em seu escopo. Explicar um comportamento religioso do ponto de vista psicológico não garante a inexistência do transcendente.

3. Compreenderás que não afirmar a existência ou inexistência do transcendente não significa que o transcendente inexista.

Alguns colegas têm a tendência de considerar que, ao abster-se de se pronunciar a respeito da existência ou não do transcendente, a Psicologia estaria quase afirmando sua inexistência. Abster-se não significa negar; significa reconhecer humildemente seu limite epistemológico.

4. Não praticarás uma Psicologia da religião religiosa.

Uma Psicologia da Religião deve estar a serviço da compreensão psicológica do comportamento religioso, não a serviço da religião, de modo que a Psicologia não deve subordinar-se a interesses institucionais e doutrinários de cunho religioso.

5. Não praticarás uma psicologia da religião irreligiosa.

Como contraparte do último postulado, a compreensão psicológica do comportamento religioso deve estar à serviço da Psicologia, não do ateísmo. Ser religioso ou ser ateu são possibilidades dos sujeitos concretos para cujos comportamentos a Psicologia pode buscar compreensão, e não pressupostos psicológicos.

6. Respeitarás a crença ou a descrença religiosa de teu cliente.

Em toda e qualquer prática psicológica, os Direitos Humanos devem ser respeitados. Crer ou descreer são direitos inalienáveis. Isso implica uma atitude de abertura à significação que o cliente dá a sua ligação com a esfera do religioso, seja ela de afirmação, seja de negação.

7. Não praticarás religião, esoterismo ou pseudociência em teu consultório.

Em toda e qualquer prática psicológica, praticamos exclusivamente o que, em dado momento, se considera técnica psicológica científica e academicamente aceita. Há, além disso, uma importante questão ética envolvida, geralmente esquecida nas discussões sobre esse tema. Ela reside no direito dos clientes de ter informação precisa a respeito das técnicas empregadas pelos profissionais que os procuram. Se alguém busca um profissional da Psicologia, então têm o direito de receber exclusivamente aquilo que busca.

8. Compreenderás o discurso religioso de teu paciente a partir do referencial de tua teoria psicológica de referência.

Em nossa prática, o discurso religioso, as experiências religiosas e os fenômenos religiosos assumem importância quando queremos compreender a subjetividade das pessoas, a significação dessas experiências e desses comportamentos para elas. A Psicologia dispõe de teorias que contribuem para essa compreensão. O discurso religioso, portanto, é considerado psicologicamente, nunca religiosamente.

9. Respeitarás suas próprias crenças e descrenças religiosas.

Psicólogos(as) são seres humanos, têm direito a ter crenças e descrenças religiosas.

10. Apesar de todo esse esforço, reconhecerás a impossibilidade de exercitar a plena e utópica neutralidade científica!

De novo... psicólogos(as) são seres humanos. A busca da neutralidade plena inexiste, de modo que sempre há que se estar alerta a respeito do quanto nossas crenças e descrenças estão, muitas vezes de modo subreptício, atuando em nossas concepções e práticas.

(Zangari & Machado, 2016, pp. 111-

114)

A PR não é uma área nova da Psicologia. Relatos históricos apontam sua configuração como campo nos primórdios da Psicologia. Grandes pioneiros da Psicologia como Wilhelm Wundt, William James, Sigmund Freud, Carl Jung, entre outros desenvolveram estudos relacionados ao comportamento religioso (Zangari & Machado, 2018, p.10).

A importância e reconhecimento da Psicologia da Religião como um campo da Psicologia se evidencia por meio de associações nacionais e internacionais destinadas a desenvolver estudos, eventos, publicações relacionadas à área. Como exemplo disso temos a Associação Internacional de Psicologia da Religião (*Internacional Association for the*

Psychology of Religion, IAPR) e a Divisão 36 da Associação Psicológica Norte-Americana (*American Psychological Association - APA*) que mantém a Sociedade de Psicologia da Religião e da Espiritualidade (*Society for the Psychology of Religion and Spirituality*). No Brasil, existe um grupo de trabalho da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) denominado Grupo de Trabalho (GT) “Psicologia & Religião” que congrega diversos pesquisadores e instituições de ensino superior com interesse em desenvolver pesquisas, seminários, congressos e publicações diversas. No item 1.1 a seguir será apresentada a trajetória histórica da PR no Brasil, contendo inclusive mais informações a respeito do GT Psicologia & Religião.

Por ser destinada ao estudo do ser humano e considerando a sua complexidade, o exercício da Psicologia como ciência e profissão deve ser feito seguindo as diretrizes pautadas em seu código de ética². Este, por sua vez, foi elaborado de acordo com alguns princípios básicos tais como a manutenção da laicidade e a orientação para o respeito aos direitos humanos, reconhecendo nestes dois princípios o respeito à liberdade e a diversidade em diversos aspectos. Com o objetivo de reafirmar as diretrizes e princípios instituídos no código de ética com relação a laicidade no exercício da profissão, em abril do ano de 2023, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou a Resolução CFP 7/2023³. Dentre outras normas importantes, essa resolução estabelece que os psicólogos devam observar a dimensão da religiosidade e da espiritualidade como elemento formativo das subjetividades e coletividades. Além disso, as vivências a-religiosas, agnósticas e ateístas de indivíduos e grupos devem ser respeitadas. A resolução também traz algumas vedações à prática profissional, como por exemplo, praticar ou ser conivente com atos que caracterizem

² O código de ética atualizado pode ser consultado no site do Conselho Federal de Psicologia (CFP): <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

³ A resolução completa pode ser consultada no site do Conselho Federal de Psicologia (CFP) <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicao&q=laicidade>

negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão à crença religiosa, bem como a indução de crenças religiosas ou qualquer tipo de preconceito. Nesse âmbito, a discussão de temas relacionados à PR contribui para orientar a prática profissional de forma alinhada às diretrizes do CFP.

Conforme mencionado anteriormente, a PR não tem como objetivo estudar a religião propriamente dita, porém é de seu interesse compreender e pensar nas situações em que a Psicologia se relaciona com a religião, no que se refere ao comportamento religioso. Belzen (2009) menciona que, embora existam muitas conexões entre a Psicologia e a religião, ainda é necessário explicar repetidamente e com cautela essas conexões a muitas pessoas, inclusive para profissionais da Psicologia. Para ilustrar quatro mecanismos ou funções da PR, o autor traz em seu texto uma analogia usando como referência uma família composta por quatro irmãs que exercem atividades ligadas à música. A primeira irmã se chama Ancilla e sua função é atuar dentro da própria religião, servindo como aparato para disseminar ou perpetuar as práticas de determinada religião, para compreender e auxiliar o trabalho e a vida das pessoas envolvidas nas rotinas e práticas religiosas ou como meio de estimular a promoção de bem-estar. Embora o papel da Ancilla seja questionado e discutido dentro do campo, o autor considera que seja importante incluí-la entre as conexões da Psicologia e Religião, pois é nessa instância que pode ser percebida que as partes podem se contaminar entre si. A segunda irmã se chama Crítica e sua função é, ao contrário da Ancilla, contestar e se opor à religião. A terceira filha se chama Scientia e sua função é estudar, examinar, analisar os elementos relacionados a religião e o meio em que está envolvido. Tentando com todo esforço atuar de forma neutra, a Scientia procura as estruturas psicológicas presentes nas situações que analisa. O autor menciona que a PR só conseguiu se desenvolver e ter prestígio científico, graças ao trabalho da Scientia que provou ser academicamente competente e mente aberta. A última filha a se apresentar se chama Crítico Musical e seu papel é compreender de

forma completa e específica o seu objeto de estudo, buscando conhecer o contexto em que este está inserido e levantar informações que possa ajudar a desenvolvê-lo melhor.

Com o objetivo de levantar informações sobre a relação entre religiosidade e/ou espiritualidade (R/E)⁴ e saúde mental, saúde comportamental e saúde física, Koenig (2012) realizou uma pesquisa que analisou 3300 estudos sobre esses temas realizados no período entre 1872 e 2010. 80% desses estudos se referiam à saúde mental relacionada à R/E. A pesquisa mostrou que a religião influencia a saúde mental de diferentes maneiras e que na maioria das vezes esse relacionamento é de forma positiva como, por exemplo, a religião sendo capaz de oferecer recursos para enfrentar situações estressantes e isso ajuda a aumentar a frequência de emoções positivas e diminuir a tendência a problemas emocionais. A pesquisa também mostrou que a religião pode influenciar de forma negativa na saúde mental como, por exemplo, quando ela é usada para justificar agressões, preconceitos, exclusão de pessoas, aumento de poder e controle sobre pessoas vulneráveis. Essa pesquisa pontuou que alguns profissionais relataram conflitos no atendimento clínico provenientes da falta de consideração da religiosidade de seus pacientes.

1.1. A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

Considera-se como marco inicial da PR no Brasil a publicação na Revista de Psicologia Normal e Patológica de um ensaio sobre o exame psicológico de seminaristas de autoria do sacerdote húngaro A. Benko em 1956. Naquela ocasião, tal autor desenvolvia pesquisas empíricas em PR na Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) (Freitas & Paiva, 2019).

⁴ No estudo mencionado o autor utilizou o conceito de espiritualidade e religiosidade (R/E) como equivalentes.

Conforme relatado por Paiva (2017), no início da década de 1960 deu-se início aos estudos científicos de PR por meio de um grupo de pesquisadores de diversas especialidades interessados na temática. Este grupo fundou, em 1962, a Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa. No início da década de 1970, este mesmo grupo abandonou os estudos direcionados à PR e passou a se dedicar a pesquisas direcionadas ao estudo das comunidades, resultando posteriormente na criação da Psicologia Comunitária.

Em meados da década de 1980, a PR foi inserida na universidade pública. Inicialmente, a Universidade de São Paulo (USP) começou a oferecer disciplinas de PR em cursos de pós-graduação e posteriormente no curso de graduação em Psicologia. Além da USP, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade de Brasília (UnB) também começaram a oferecer disciplinas de PR para os alunos de pós-graduação e graduação em Psicologia. Com a inserção de disciplinas de PR nos programas de pós-graduação, temas relacionados ao campo passaram a ser estudados por alunos do mestrado em suas dissertações e por alunos de doutorados em suas teses (Paiva, 2009).

Em 1998, foi constituído o Grupo de Trabalho (GT) “Psicologia & Religião”, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). O objetivo desse grupo de estudo é promover o desenvolvimento da PR no Brasil, focando os estudos na realidade do país, mas também alinhado com grupos internacionais. O GT congrega pesquisadores e pesquisadoras de instituições universitárias de diversas partes do país. Seus membros participam ativamente nos principais eventos científicos de Psicologia no Brasil e publicam materiais nos principais periódicos científicos da área. Desde sua formação, o GT realiza a cada dois anos o seminário intitulado “Psicologia e Senso Religioso”, cujo objetivo é reunir pesquisadores e pesquisadoras da área (brasileiros e estrangeiros), promovendo um espaço para apresentar e discutir suas pesquisas e com isso fomentar o crescimento do campo.

As pesquisas apresentadas nos seminários originam publicações conjuntas, tornando mais acessíveis os conhecimentos do campo para os profissionais de Psicologia.

Embora a Psicologia da Religião tenha se desenvolvido gradualmente ao longo dos últimos anos, ela ainda não está presente em todas as instituições de ensino no Brasil. Piasson (2017) realizou uma pesquisa científica cujo objetivo foi identificar a presença de disciplinas relacionadas a PR na formação do psicólogo. Nessa pesquisa, ele apontou que naquele momento havia no Brasil 151 instituições de ensino superior que ofereciam o curso de graduação em Psicologia (e conferiam ao estudante a habilitação de psicólogo) e, dentre essas, apenas 38 instituições ofereciam disciplinas relacionadas à Psicologia da Religião.

De Oliveira (2019) realizou uma pesquisa cujo objetivo foi identificar se os estudantes de Psicologia de instituições de ensino localizados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil estavam sendo formalmente preparados durante a graduação para intervir em situações relacionadas à religião em sua prática terapêutica. Essa pesquisa apontou que, dentre as 291 instituições pesquisadas, somente 28 instituições de ensino ofereciam disciplinas relacionadas à espiritualidade e religiosidade⁵. Ele considera que o baixo número de instituições de ensino que oferecem ou desenvolvem discussões relacionadas à PR torna deficiente ou inexistente o conhecimento ou entendimento da área por parte dos profissionais da Psicologia recém-formados e, conseqüentemente, em um despreparo para lidar com questões relacionadas a sua própria religiosidade/espiritualidade, bem como despreparo para lidar profissionalmente com pacientes/clientes que apresentem angústias e/ou sofrimentos psíquicos relacionados à religiosidade e/ou espiritualidade.

Zangari e Machado (2018) apontam que pior do que o baixo número de disciplinas de Psicologia da Religião ministradas nos cursos de Graduação em Psicologia é o despreparo

⁵ A pesquisa mencionada utiliza o termo espiritualidade de forma relacionada à religiosidade, por esse motivo os dois termos estão sendo colocados juntos.

por parte dos docentes para lidar com o tema quando são questionados a respeito, o que pode resultar em atitudes polarizadas, incluindo a negação, desentendimentos ou a proibição de falar, discutir ou promover reflexões relacionadas ao tema.

Machado et al. (2019) observam que a resistência em incluir a PR explicitamente como disciplina na grade curricular ou nas discussões em sala de aula está relacionada ao esforço histórico da Psicologia para se delimitar como ciência. Há uma preocupação em torno da compreensão equivocada da Psicologia da Religião como uma “Psicologia Religiosa” caracterizada por aspectos doutrinários. Por esse motivo, algumas disciplinas não mencionam em suas nomenclaturas termos que possam remeter à Psicologia da Religião, tornando-se mais difícil o trabalho de identificar se a temática está presente na formação de psicólogas e psicólogos.

Além do baixo número de instituições de ensino que oferecem preparo acadêmico adequado relacionado a questões religiosas, a quantidade de estudos científicos relacionados à Psicologia da Religião no território brasileiro ainda é pequena. Pereira e Holanda (2019), em uma pesquisa realizada nos principais bancos de dados direcionados à pesquisa científica, apuraram que no período de 2002 a 2017 foram feitas 313 publicações de estudos relacionados a esta área.

Mesmo não havendo um número muito grande de publicações, a Psicologia da Religião pode ser considerada um campo de estudo que se encontra em expansão, pois o número de estudos relacionados vem crescendo gradualmente nos últimos anos. Freitas e Piasson (2016) explicam que o aumento no interesse em estudar e discutir direta ou indiretamente o tema religioso no contexto da formação do psicólogo está relacionado ao aumento de repercussões midiáticas sobre o tema religioso principalmente em conexão com a prática do psicólogo. O conteúdo e a maneira como o tema foi exposto em algumas publicações midiáticas realizadas por renomados veículos de comunicação geraram grandes

preocupações tanto para instituições de ensino quanto para os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) e para o Conselho Federal de Psicologia (CFP). Diante desse cenário e reconhecendo que existe a necessidade de esclarecer e dar maiores orientações a respeito do tema, tanto o CFP quanto os CRPs começaram a divulgar mais documentos voltados à relação entre a Psicologia e a Religião. Tais documentos podem servir tanto para corrigir informações equivocadas ou duvidosas disseminadas socialmente (por algum meio de comunicação ou de outras formas) quanto para orientar a prática profissional. Uma das publicações mais importantes foi uma nota pública lançada pelo Grupo de Trabalho (GT) Nacional Laicidade e Psicologia declarando que o posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade seria a não existência de oposição entre Psicologia e Religião (CRP-SP, 2014 p. 13), o que não significa que elas se misturem.

O reconhecimento de que existe uma lacuna na formação do psicólogo proveniente da falta de discussões relacionadas à Psicologia da Religião, bem como a necessidade de prestar um maior suporte aos psicólogos e às psicólogas na atuação profissional serviram como justificativa para criação de diversos materiais explicativos da relação (ou diálogo) entre Psicologia e Religião. Em 2014, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) lançou uma publicação intitulada *Psicologia, laicidade, espiritualidade, religião e os saberes tradicionais: referências básicas para atuação profissional*. Este material pode ser considerado uma espécie de coletânea dos principais materiais informativos sobre a temática, ajudando a esclarecer dúvidas e promover reflexões sobre a área. Procura mostrar de forma clara os conceitos envolvidos nesse campo de estudo e enfatiza a preocupação voltada às questões éticas que envolvem a atuação do psicólogo.

Em 2016, o CRP-SP ampliou o material mencionado acima lançando uma coleção composta por três volumes também direcionada à relação entre Psicologia e Religião. Nessa

coleção, distribuída em eixos específicos, procura-se ampliar a discussão acerca de diferentes perspectivas sobre o tema voltadas para a atuação profissional do psicólogo.

Em 2018, o InterPsi - Laboratório de Estudos Psicossociais “Crenças, Subjetividade, cultura & Saúde”⁶ do Instituto de Psicologia da USP lançou uma Cartilha Virtual intitulada *Psicologia & Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos* (Zangari & Machado, 2018). O intuito da criação desta cartilha virtual foi contribuir para diminuir a lacuna existente na formação de psicólogas(os) proveniente da falta de discussões sobre temas como religiosidade, espiritualidade e a interação desses temas com pesquisas e práticas profissionais. De uma forma clara e objetiva, a cartilha traz respostas para alguns dos principais questionamentos feitos a respeito da Psicologia da Religião e sobre o manejo de situações clínicas que envolvem questões religiosas.

Em 2020, o CRP de Minas Gerais (CRP-MG), mais especificadamente o seu comitê temático chamado Comissão de Orientação em Psicologia, Laicidade Espiritualidade, Religião e Outros Saberes (CLEROT), promoveu o I Congresso Mineiro de Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais. Nesse congresso, mais de 100 pesquisadores de PR, representando diversas instituições do Brasil, apresentaram suas pesquisas. As apresentações foram divididas em seis grupos temáticos (GT): 1) Psicologia e Laicidade; 2) Psicologia e o Estudo da Religião; 3) Psicologia, Espiritualidade e Ensino: o saber contra a intolerância; 4) Psicologia e outras Tradições; 5) Psicologias e o Atravessamento da Religião nas Questões Contemporâneas e 6) Psicologia e Espiritualidade. Além das apresentações das pesquisas, o congresso também realizou conferências e mesas temáticas sobre a PR. Em 2023, o CRP-MG publicou os dois volumes resultantes do evento. O “*I Congresso Mineiro Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes*

⁶ Esta é a denominação atual do laboratório, alterada em 2020. Em 2018, o laboratório chamava-se Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais.

Tradicionais: Anais” reúne as apresentações realizadas nos grupos temáticas mencionados anteriormente e o livro “*I Congresso Mineiro Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais: reflexões contemporâneas*” que traz o conteúdo que foi apresentado nas conferências e nas mesas temáticas.

Em 2023, O CFP publicou a Resolução CFP 7/2023 sobre a laicidade no exercício da Psicologia. Conforme mencionado anteriormente, o objetivo dessa resolução é reafirmar as diretrizes e princípios instituídos no código de ética com relação à laicidade no exercício da profissão, reconhecendo a dimensão da religiosidade e da espiritualidade na formação das subjetividades e das coletividades e de outros elementos relacionados ao contexto histórico e cultural. A resolução também ressalta o papel do psicólogo em zelar pelo respeito e eliminar qualquer forma de discriminação.

Além de eventos e publicações, há também um investimento em redes sociais para tornar o campo da PR mais conhecido e popularizado. Perfis criados e gerenciados por pesquisadoras e pesquisadores do campo publicam conteúdos relacionados a temas da PR.

1.2. A IMPORTÂNCIA DE SE ESTUDAR PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NA GRADUAÇÃO

Conforme mostrado anteriormente, existe um movimento por parte de algumas organizações que tentam solucionar as lacunas decorrentes da falta de abordagem ou da abordagem inadequada da PR durante o processo de formação de psicólogas e psicólogos. Entretanto, apesar disso, alguns estudos científicos apontam que, mesmo assim, ainda existe uma necessidade latente de promover mais espaços para a discussão deste campo da Psicologia dentro das instituições de ensino.

Freitas e Piasson (2016) concluem que existe uma necessidade premente de inclusão dos temas religião, religiosidade e espiritualidade tanto na realização de pesquisas quanto na prática e na formação profissional em Psicologia. Os motivos pelos quais se reforça esta necessidade estão relacionados ao fato de o Brasil ser um país religioso e alguns profissionais de Psicologia não saberem os conceitos básicos relacionados aos temas que a pesquisa aponta como cruciais. Piasson (2017) também indica a necessidade da implantação de disciplinas específicas destinadas a estudar, discutir e refletir sobre o senso religioso tanto na teoria quanto na prática durante a formação do psicólogo, porque essa temática aparece constantemente na prática profissional.

De Oliveira (2019) mostra a necessidade de revisar a postura dos centros de formação e de seus docentes perante a temática, com a finalidade de, além de incluir a temática na grade curricular, criar um espaço onde o estudante possa ser capaz de lidar com questões relacionadas com a sua própria religiosidade e espiritualidade. Paiva (2009), menciona que os estudantes de Psicologia e de outras áreas recorrem com frequência à disciplina PR para resolverem problemas pessoais provenientes do encontro entre a sua religião e a ciência.

Machado e Zangari (2016) consideram que a Psicologia negligencia uma vasta variedade de experiências humanas quando não são abordados temas relacionados à religiosidade na formação de psicólogos(os). Além disso, a exclusão da religiosidade de seu campo de estudo propicia que esse seja apropriado indevidamente por pessoas não ligadas à ciência possibilitando a criação de conteúdos falaciosos e/ou deturpados que poderão ser utilizados como instrumentos de manipulação da sociedade.

Paula e Marques (2023) fizeram uma pesquisa qualitativa em documentos relacionados à PR na graduação em Psicologia e, a partir dos dados levantados, consideram que é importante inserir a PR neste contexto pelos seguintes motivos: 1) a PR oferece recursos para se compreender os aspectos religiosos e espirituais que estão presentes na

formação psíquica dos indivíduos; 2) não abordar a PR pode acarretar em despreparo para os futuros profissionais de Psicologia, tanto para atender seus pacientes como para lidar com a própria religiosidade; 3) ao aproximar a PR dos estudantes de Psicologia aumenta-se a possibilidade de formar novos pesquisadores; 4) temas da PR abrangem a relação do indivíduo com a sociedade, com isso, ao se discutir PR, aumenta-se a compreensão, reflexão e capacidade de se solucionar alguns problemas sociais; 5) o despreparo dos docentes para discutir temas da PR pode gerar atitudes polarizadas, negação, proibição ou negligência sobre assuntos que impactam na formação profissional dos estudantes e para resolver essa questão é necessário também promover mais discussões de PR com os docentes e incentivá-los a conhecer melhor o campo.

1.3. ALGUNS TRABALHOS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

O campo de estudo da Psicologia da Religião é vasto e diversificado. Uma pesquisa realizada por Paiva em 2009 apontou que entre 1956 e 2005 (período que compreende os primeiros 50 anos da PR no Brasil) foram publicados no total 125 artigos científicos do campo. Além disso, essa pesquisa também mostrou que o número de pesquisas aumentou gradualmente e que o campo é marcado por uma multiplicidade de temas. Um outro levantamento desenvolvido por Marques e Rigo (2016 apud Paiva e Freitas, 2019), apontou que durante o período entre 2008 e 2014 foram realizadas cerca de 140 publicações relacionadas ao campo⁷.

Assim como o número de trabalhos científicos aumentou ao longo dos anos, ampliou-se também a quantidade de temas estudados pelo campo. No início, os temas pesquisados com mais frequência eram: saúde, experiência religiosa, vocação religiosa/sacerdotal,

⁷ Nesse levantamento considerou-se também o marcador espiritualidade.

identidade religiosa e relações entre Psicologia e Religião. Os temas: agressividade, arquétipos, atitudes, comunicação, corpo, culpa, escrúpulo, personalidade, representação social, sexualidade e simbolismo também eram pesquisados, porém com menos frequência (Paiva *et al.*, 2009). No levantamento realizado em 2016, os temas pesquisados foram reunidos em dez grupos: Psicologia social da religião, pastoral e histórias de vida e religião; mundo do trabalho, simbolismo católico, experiência religiosa e profissionais de saúde; experiências anômalas e identidade; personalidade, atendimento em saúde e qualidade de vida; Psicologia do desenvolvimento, religiosidade e espiritualidade; religiões afro-brasileiras; saúde mental e clínica psicológica, escalas de mensuração; reconhecimento do campo da Psicologia da religião e formação em Psicologia; e estudos psicanalíticos sobre o fenômeno religiosos.

Conforme mencionado no item 1.1, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e alguns Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) publicam materiais informativos sobre PR contendo alguns temas relacionados ao campo. Silva *et al.* (2019 apud Paiva e Freitas, 2020) levantaram em sua pesquisa que o CPF, o CRP do Distrito Federal (CRP-DF) e o CRP de São Paulo (CRP-SP) até o ano de 2018 haviam publicado em suas plataformas 142 materiais relacionados à PR. Os principais temas abordados foram: sentido existencial da religião; religiosidade e/ou espiritualidade; religião e laicidade do Estado; produção de subjetividades; relação entre religiosidade e bem-estar; relações entre religiosidade saúde e doença; necessidade de formação continuada do profissional da Psicologia; importância e respeito ético e moral na abordagem ao tema da religiosidade; Integração da Psicologia com os Direitos Humanos e diversidade; Psicologia, religiosidade e sexualidade; Psicologia, espiritualidade e prática/liberdade religiosa; importância do sentido da experiência religiosa do paciente; Psicologia, educação inclusiva e relações raciais/indígenas.

O CRP de Minas Gerais (CRP-MG), conforme exposto no item 1.1, realizou no ano de 2020 um congresso sobre PR que reuniu pesquisadores do campo e originou dois livros contendo as pesquisas e conferências apresentadas no evento. As pesquisas foram agrupadas de acordo com as seguintes temáticas: Psicologia e Laicidade; Psicologia e o Estudo da Religião; Psicologia, Espiritualidade e Ensino: o saber contra a intolerância; Psicologia e outras Tradições; Psicologias e o Atravessamento da Religião nas Questões Contemporâneas e Psicologia e Espiritualidade.

Embora tenha sido apresentada uma variedade de temas pesquisados em PR no Brasil, o campo ainda precisa ser fortalecido e ampliado. Paiva e Freitas (2020) pontuam que é necessário realizar mais pesquisas relacionadas a temas contemporâneos como por exemplo: a negação da fé e ateísmo; a desfiliação institucional; o comportamento ligado a religiões não tradicionais nem hegemônicas; como o budismo, o islamismo, o judaísmo, e a religiões indígenas; o lugar da experiência religiosa na sociedade pós-moderna ou pós-secular; e a religião na atividade profissional do psicólogo. Além disso, os autores acrescentam a necessidade de realização de pesquisas envolvendo outras áreas além da Psicologia que se interessam pelo comportamento religioso e assim termos trabalhos interdisciplinares e pluridisciplinares.

CAPÍTULO 2 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

O período de formação acadêmica na graduação é considerado o momento em que o futuro psicólogo entra em contato com os fundamentos teóricos que irão nortear a sua prática profissional. Nesse período espera-se que o futuro psicólogo entre em contato com diversos tipos de teorias e estudos empíricos que o ajudem a construir seu repertório de materiais que contribuirá para compreender o ser humano em sua totalidade.

A pesquisa realizada neste trabalho visou realizar uma prospecção de campo investigando a participação ou não da PR no contexto da graduação em Psicologia tendo como referência disciplinas não específicas dessa temática. Dessa forma, pretendeu-se verificar se mesmo não havendo uma disciplina direcionada especialmente a esta temática, conceitos e/ou temas relacionados à PR são ou não são abordados por docentes na formação do psicólogo.

A elaboração desta pesquisa teve como referências algumas pesquisas direcionadas ao levantamento de informações relacionadas à PR no contexto da formação do psicólogo. Embora todas as pesquisas estudadas tenham trazido informações fundamentais para se analisar a participação da PR nessa formação profissional, o recorte amostral feito por elas se limitou a instituições de ensino superior que oferecessem disciplinas relacionadas à PR. Dessa forma, notou-se que não participaram destas pesquisas cursos superiores de Psicologia que não ofereciam em sua grade curricular disciplinas (obrigatórias ou optativas) relacionadas à PR, portanto não seria possível verificar se o tema (ou temas pertinentes à PR) é ou não tratado durante a formação de profissionais de Psicologia dessas instituições.

2.1. PERGUNTA DE PESQUISA

A pesquisa proposta visou responder a seguinte pergunta: “A Psicologia da Religião está ou não presente na formação em Psicologia quando não compõe a grade ou não é ofertada como uma disciplina optativa em cursos de Psicologia?”

2.2. HIPÓTESES

Considerando as leituras sobre o tema, foram levantadas as seguintes hipóteses a serem investigadas para responder à pergunta de pesquisa:

1. Temas relacionados à Psicologia da Religião estão presentes no processo de formação de psicólogas e psicólogos de forma indireta, podendo não ser percebidos ou ser ignorados, negados ou negligenciados por falta de identificação ou de conhecimento dos docentes a respeito do tema.
2. Temas relacionados à Psicologia da Religião são trazidos pelos alunos durante a supervisão do estágio acadêmico a partir de questionamentos ou demandas dos pacientes atendidos pelo programa de estágio.

2.3. OBJETIVOS

O **objetivo geral** da pesquisa foi verificar se temas relacionados à PR estão presentes ou não na formação acadêmica de psicólogas e psicólogos e, a partir das narrativas dos docentes, levantar informações sobre a atual situação do campo dentro desse contexto.

Como **objetivos específicos** buscou-se:

1. Investigar se temas relacionados à PR são abordados por docentes em sala de aula e/ou na supervisão de estágio durante a graduação.
2. Investigar se docentes conhecem os temas relacionados à PR, se e como lidam com isso, e se se consideram preparados para o manejo de tais temas em suas aulas e/ou na supervisão do estágio acadêmico.
3. Investigar se há algum tipo de resistência para se discutir temas de PR (ou a PR como área de pesquisa propriamente dita) no contexto acadêmico.

2.4. JUSTIFICATIVA

Como base em um breve levantamento sobre as pesquisas relacionadas à PR na formação do psicólogo, constatou-se que o recorte amostral da maioria destas pesquisas se restringe a instituições de ensino que já possuem oficialmente a PR em sua grade curricular. Considerando que atualmente no Brasil menos de um quarto dos cursos superiores de Psicologia oferecem disciplinas com essa temática (Machado et al., 2019), podemos pensar que há campo para expansão da temática se analisarmos a atuação de docentes em contextos que não pertencem ao grupo tido como amostra para as pesquisas já realizadas até o momento. Se analisarmos a atuação docente em disciplinas que não abordam oficialmente ou diretamente a PR, podemos obter informações relacionadas aos motivos pelos quais tal temática não é considerada como essencial à formação do psicólogo. Pretendeu-se com este estudo provocar reflexões sobre a importância de se discutir PR no contexto acadêmico, ressaltando o quanto os elementos relacionados à religiosidade e espiritualidade são indissociáveis do contexto social e dessa maneira fazem parte da constituição psíquica dos indivíduos, portanto das pessoas que serão atendidas pelas(os) psicólogas(os) que estão em

formação. Além disso, pretende-se coletar informações que ajudem a pensar em possibilidades de expansão e fortalecimento da área.

2.5. MÉTODO

Foi realizada pesquisa de natureza qualitativa dividida em dois momentos complementares: realização de entrevistas semidirigidas e estudo documental.

2.5.1. PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com docentes de cursos de graduação em Psicologia que lecionam ou lecionaram disciplinas não relacionadas à PR. O estudo centrou-se no relato de docentes considerando suas posturas e atuações individuais. Sendo assim, não será mencionado o nome ou qualquer outro atributo que possa identificar a instituição em que o entrevistado leciona. Não se trata de uma pesquisa em âmbito institucional, e sim em âmbito pessoal, individual, em que pese o enfoque de profissionais docentes.

Foram convidados a participar do estudo docentes que lecionam ou lecionaram nos últimos 10 anos em cursos de graduação em Psicologia. Os participantes não poderiam lecionar (ou terem lecionado) disciplinas relacionadas à PR. Inicialmente foram convidadas 10 pessoas para serem entrevistadas o que correspondia ao número de participantes determinados para a pesquisa. Destes, 6 aceitaram participar, 2 aceitaram o convite a princípio, mas não se dispuseram a realizar as entrevistas e 2 declinaram. Mediante a isso, outras 4 pessoas foram convidadas e assim o número alvo de participantes efetivamente entrevistados foi alcançado. No total foram convidados 14 docentes para atingir o número de 10 pessoas entrevistadas. Os participantes foram recrutados por conveniência, por meio

de convite eletrônico enviado por e-mail ou aplicativo de mensagem instantânea. Inicialmente foram contatados professores e professoras conhecidos da pesquisadora ou a ela indicados por colegas pesquisadores. Os convidados puderam indicar outros possíveis participantes, configurando assim um sistema chamado de bola de neve. No convite foi explicado de forma breve que a pesquisa fazia parte de um projeto de mestrado, desenvolvido por uma aluna da Universidade de São Paulo. Foram também resumidamente apresentados o objetivo e justificativa da pesquisa. Foi ressaltado que a participação seria facultativa, que o participante não receberia nenhuma gratificação como recompensa pela sua participação e que seria mantido sigilo quanto à sua identidade.

Devido ao teor das informações coletadas, não se fez necessário definir um campo específico de atuação em Psicologia do docente nem a quantidade de aulas que cada docente leciona ou lecionou. Para manter a confidencialidade dos participantes, não serão divulgadas informação que possibilitem sua identificação.

Os participantes das entrevistas semidirigidas foram também convidados a enviar de forma espontânea o plano de aula das disciplinas que lecionam (ou lecionaram). O material enviado por eles possibilitou a realização da pesquisa documental. Dos dez participantes das entrevistas, somente três enviaram planos de disciplinas. Um deles enviou cinco planos de disciplinas e os outros dois enviaram um plano de disciplina cada um. Dessa forma a pesquisa documental foi realizada em sete planos de disciplina.

2.5.2. PROCEDIMENTOS

A realização da pesquisa de natureza qualitativa foi feita por meio das seguintes etapas:

1. Entrevistas semidirigidas com docentes de disciplinas de graduação em Psicologia não relacionadas à PR. Conforme mencionado no item 2.5.1, os participantes foram

recrutados por meio de convite eletrônico enviados por e-mail ou por aplicativo de mensagem instantânea. O objetivo das entrevistas foi levantar informações que possibilitassem identificar se de alguma maneira algum tema relacionado ao campo de estudo da PR já havia sido trazido por algum aluno durante a realização do curso, inclusive durante a supervisão de estágio (respeitando sempre a confidencialidade prevista no Código de Ética da profissão). Além disso, as entrevistas trouxeram informações sobre o entendimento dos docentes sobre a PR e suas opiniões sobre a temática. Os participantes puderam optar entre fazer a entrevista de forma presencial ou *on-line*. Todos optaram por fazer de forma virtual utilizando a plataforma Google Meet ou WhatsApp. O áudio das entrevistas foi gravado com a permissão dos entrevistados e, após a entrevista, o áudio gerado em cada entrevista foi transcrito. A transcrição foi feita utilizando o recurso de transcrição do software Microsoft Word versão 365 e revisado pela pesquisadora-entrevistadora.

As entrevistas semidirigidas foram norteadas por um roteiro composto por 14 perguntas. A partir da pergunta disparadora, o entrevistado pôde responder da maneira que fosse mais conveniente e o entrevistador pôde fazer inversões e/ou complementações às perguntas durante o curso da entrevista.

As 14 perguntas foram divididas em 4 eixos temáticos conforme abaixo:

- Eixo 1: Destinado a levantar informações referentes ao histórico profissional acadêmico e clínico (se aplicável) do entrevistado e sua relação com a religião. Fazem parte deste eixo as perguntas 1 e 2 do roteiro de entrevista. Esperava-se com essas respostas adquirir informações que possibilitasse a caracterização das pessoas entrevistadas.
- Eixo 2: Destinado a levantar informações referentes ao nível de conhecimento sobre a PR de cada entrevistado. Pertencem a este eixo as perguntas 3, 4, 5 e 6 do

roteiro de entrevista. Esperava-se com essas respostas verificar se os entrevistados já haviam tido contato com a PR e o nível de interesse deles pela área.

- Eixo 3: Destinado a mapear o aparecimento de temas da PR na atividade de docência. Este eixo foi dividido em 2 categorias visando abordar de forma mais específica os eventos relacionados à sala de aula e os eventos relacionados à supervisão de estágio. Pertencem a este eixo as perguntas 7, 8, 9 e 10 para sala de aula e as perguntas 11, 12 e 13 para supervisão de estágio. Esperava-se com essas responder a nossa pergunta de pesquisa e a confirmação ou não das hipóteses levantadas neste trabalho.
 - Eixo 4: Destinado a saber a opinião do entrevistado sobre a pesquisa e sanar eventuais dúvidas sobre a PR. Pertence a este eixo a pergunta 14. Esperava-se com essa pergunta promover um espaço para que o entrevistado pudesse expressar melhor sua opinião sobre a PR e/ou esclarecer alguma dúvida.
2. Pesquisa documental de caráter investigativo realizada em ementas de disciplinas disponibilizadas pelos professores entrevistados. Por meio desta pesquisa documental foi possível investigar se a PR ou temas a ela relacionados estão ou não presentes na formação profissional dos graduandos em Psicologia. Os seguintes descritores foram utilizados para realizar a pesquisa: “religião”, “religiosidade”, “espiritualidade”, “crença”, “religioso”, “sagrado”, “senso religioso”, “ *coping* religioso”, “espiritual”, “fé”, “divino”, “cultura religiosa”, “intolerância religiosa”.

Após realização das etapas 1 e 2 mencionadas acima, os dados coletados foram organizados, analisados e confrontados com a bibliografia de referência da área.

A organização e análise dos dados foram feitas tomando como base as orientações para análise de conteúdo propostas por Laurence Bardin (2011) que consiste em três fases: 1)

pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Conforme mencionado anteriormente, todas as entrevistas tiveram seus áudios gravados e transcritos para facilitar a organização e tratamento dos dados coletados. Após transcrever na íntegra todas as entrevistas, as respostas obtidas foram separadas e agrupadas de acordo com a pergunta correspondente. Dessa forma, criou-se uma planilha do Excel para cada pergunta do questionário e cada planilha criada foi preenchida com as respostas dadas pelos participantes. É importante mencionar que, por se tratar de uma entrevista semidirigida, eventualmente a resposta de uma pergunta pode aparecer em momentos não determinados da entrevista, ou seja, pode acontecer de um participante trazer informações relevantes para uma pergunta enquanto estiver respondendo uma outra pergunta.

Após agrupar as respostas de acordo com suas respectivas perguntas, foi feita uma pré-análise para identificar o que haveria de semelhante nas informações trazidas e, com base nessas semelhanças, foram criadas categorias que ajudassem a comparar as respostas e proporcionar uma visão amplificada dos dados coletados.

Com as respostas agrupadas e com as informações categorizadas, foi possível analisar, interpretar e compreender detalhadamente os cenários emergidos em cada pergunta de forma individual e, posteriormente, analisar, interpretar e compreender o cenário composto por todas as respostas obtidas.

2.5.3. ASPECTOS ÉTICOS

A presente pesquisa foi realizada de acordo com as diretrizes éticas pertinentes à natureza da atividade, visando não provocar prejuízo de ordem psicológica, social ou orgânica aos participantes. Sua aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de

Psicologia da USP está registrada no parecer número 5.892.298. Antes de iniciarmos cada uma das entrevistas, cada um dos entrevistados recebeu a explicação dos procedimentos e dos objetivos deste trabalho e assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) elaborado especificamente para o estudo qualitativo proposto. Nesse termo são claramente apresentados os objetivos e a relevância da pesquisa, bem como os procedimentos que foram realizados neste estudo qualitativo, sendo garantido aos participantes o sigilo quanto à sua identidade e o direito de desistirem de participar do estudo a qualquer momento, sem quaisquer ônus ou prejuízo. Os participantes não receberam nenhuma compensação financeira por sua participação. No termo constavam os dados da pesquisadora e meios de contatá-la a qualquer momento para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa. Como as entrevistas foram realizadas à distância por videochamada, a assinatura do TCLE foi feita de modo digital. Os TCLEs assinados digitalmente estão sob guarda da pesquisadora. Não foram anexados nesta dissertação para manter a confidencialidade dos participantes.

Vale observar que na apresentação dos resultados desta pesquisa em eventos acadêmico-científicos e artigo científico, a referência às falas dos(as) entrevistados(as) será feita com a utilização de códigos de modo a zelar pelo sigilo quanto às suas identidades.

Foi solicitado aos participantes autorização para gravação do áudio da entrevista para facilitar a transcrição das informações. Todos concordaram com a gravação.

Ainda que a pesquisa não tenha oferecido nenhum prejuízo considerável de ordem psicológica, levando-se em conta que, em alguma medida – ainda que mínima – toda pesquisa científica pode envolver algum risco psicológico e emocional, é importante destacar que foi observado o respeito e cuidado com os(as) participantes. Os participantes que porventura tivessem se sentido psicologicamente afetados(as) com algum conteúdo que pudesse ter emergido em função das questões tratadas na entrevista, receberiam a assistência da

pesquisadora (que é psicóloga), com supervisão de sua orientadora (também psicóloga), do modo mais adequado de acordo com o caso.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise, interpretação e compreensão dos dados obtidos nas entrevistas e na pesquisa documental. Para facilitar a compreensão, os resultados estão divididos de acordo com as etapas da pesquisa (3.1 das entrevistas semidirigidas e 3.2 da pesquisa documental).

A análise e apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas semidirigidas estão organizados pelos eixos temáticos que são explicitados no item 2.5.2 (Procedimentos).

3.1. DAS ENTREVISTAS SEMIDIRIGIDAS

As entrevistas foram realizadas entre os dias 9 de março e 6 de junho de 2023. Foram entrevistados dez docentes de disciplinas de Psicologia não relacionadas à PR. Visando preservar a identidade dos docentes, utilizamos a nomenclatura “participantes” para apresentar os dados coletados em cada entrevista. Os entrevistados estão denominados como participante 1, participante 2, participante 3 etc. A numeração foi atribuída por ordem alfabética considerando a inicial do primeiro nome de cada participante, portanto, a codificação não corresponde à ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Os entrevistados também serão referidos de acordo com o gênero. Foram realizadas entrevistas com 10 docentes, sem pretensão de pareamento de gênero em termos de quantidade de entrevistados e entrevistadas. Foi usada a letra M para designar participantes do gênero masculino (4 entrevistados) e a letra F para participantes do gênero feminino (6 entrevistadas). Não foi feita nenhuma pergunta direcionada especificamente a identidade de gênero porque não era o escopo do trabalho. Essa categorização foi feita de acordo com a aparência dos entrevistados e o modo como se referiam a si mesmos (no masculino ou no feminino).

Considerando os atributos explicados acima, utilizou-se como identificação de cada participante um código composto por: letra P, que representa a palavra participante; letra M ou F para designar o gênero e a numeração que servirá para diferenciar cada participante. Por exemplo: o código **PF1** indica que a participante número 1 é do gênero feminino, o código **PM2** indica que o participante número 2 é do gênero masculino, o código **PM3** indica que o participante número 3 é do gênero masculino etc. Para fluidez do texto refiro-me “aos participantes” ao mencionar o conjunto de entrevistados e entrevistadas, mas fica claro que o grupo é composto pelos gêneros masculino e feminino.

3.1.1 Eixo 1: Formação acadêmica do participante e histórico profissional acadêmico (e clínico se for o caso) e pertencimento religioso

O objetivo desse eixo é levantar informações referentes à caracterização dos participantes, conhecer sua formação em Psicologia, sua trajetória no exercício da profissão e sua relação com religião.

A entrevista começou com uma pergunta disparadora destinada a levantar informações sobre a trajetória do participante relacionada à Psicologia. Foi solicitado ao participante que relatasse sobre a sua formação acadêmica e sobre o seu histórico profissional (acadêmico, clínico e outras atividades pertinentes a área).

Todos os participantes demonstraram tranquilidade para responder essa pergunta e forneceram relatos detalhados de suas trajetórias.

Como mencionado, dos dez participantes da pesquisa, quatro são do gênero masculino (**PM2, PM4, PM5, PM6**) e seis do gênero feminino (**PF1, PF3, PF7, PF8, PF9, PF10**). Todos os participantes concluíram a graduação em Psicologia há mais de dez anos, oito possuem título de mestre (**PF1, PM2, PF3, PM4, PM5, PM6, PF8, PF10**), um possui

título de doutor (**PF7**) e um possui título de especialista (**PF9**). Com relação a histórico de docência, sete estão ativos na docência (**PF3, PM4, PM5, PM6, PF7, PF9, PF10**) e três não estão ativos (**PF1, PM2 e PF8**), mas atendem ao pré-requisito de ter lecionado nos últimos dez anos. Quanto ao tempo de docência, seis participantes atuam (ou atuaram) por um período superior a dez anos (**PF1, PF3, PM5, PF7, PF9, PF10**) e quatro atuam (ou atuaram) por um período inferior a dez anos (**PM2, PM4, PM6, PF8**). Com relação à abordagem da Psicologia, cinco seguem a Psicologia Social (**PF1, PF3, PM4, PM5, PM6**), quatro seguem a Psicanálise (**PM2, PF7, PF8, PF9**) e um não informou (**PF10**). Apenas um participante não atuou como supervisor de estágio (**PF8**). Todos os dez participantes realizam (ou realizaram) atendimentos clínicos. Além da docência e da prática clínica, oito participantes relataram que atuam (ou atuaram) em outras práticas relacionadas a Psicologia: Psicologia Hospitalar (três participantes – **PF1, PF9 e PF10**), Psicologia Escolar (um participante – **PM6**), Psicologia Organizacional (dois participantes – **PF1, PM4**), Aplicação de testes Psicológicos (um participante – **PF10**), Coach de Carreira (um participante **PM4**), Projetos Sociais (três participantes – **PF3, PM5, PM6**), Instituições Totais (um participante - **PF3**) e ONG (dois participantes – **PM6, PF7**).

Mesmo não sendo uma questão direcionada a obter informações diretamente sobre a Psicologia da Religião (PR), alguns participantes trouxeram espontaneamente em seus relatos menções à PR. Provavelmente isso tenha acontecido porque no convite para participar da pesquisa e no TCLE constavam o título do trabalho, que menciona a área da pesquisa. As manifestações relacionadas à PR relatadas na resposta à questão um e referentes à prática da docência em Psicologia serão comentadas no eixo mais condizente com o conteúdo trazido.

A seguir são apresentados resumos da trajetória em Psicologia de cada participante.

PF1 se graduou em 1993, possui a titulação de mestre, mas começou o doutorado e trancou por motivos particulares. Seu mestrado abordou temas relacionados a representações

sociais de alunos de baixa renda em universidades. Seu histórico profissional começou como psicóloga organizacional, depois migrou para a área acadêmica e atualmente trabalha na área hospitalar. Atuou como docente por mais de dez anos e atualmente não leciona (parou de lecionar em 2022). Já supervisionou estágio acadêmico e segue como abordagem a Psicologia Social.

PF1 relatou logo de início que durante a sua graduação não teve nenhum contato com a PR e que o tema era evitado durante as aulas. Ela disse ainda que teve contato na prática da profissão com alguns pacientes que traziam demandas relacionadas a questões religiosas e que percebia que tais demandas não eram tratadas como deveriam ser pelas instituições e/ou demais profissionais que atendiam tais pacientes. Ela também menciona que mesmo sem preparo formal em PR, buscava formas de melhor atender seus pacientes.

PM2 se graduou em Psicologia em 2008. Possui o título de mestre em Psicologia Social, mas segue a Psicanálise como abordagem na prática profissional. Lecionou Psicologia por seis anos e atualmente não leciona (parou em 2018). Supervisionou estágio acadêmico e realiza atendimentos clínicos.

PF3 graduou-se em Psicologia na década de 1990. Começou a estudar Psicologia para compreender a realidade das crianças em situação de rua. Teve uma experiência bem relevante em uma instituição que abrigava menores que cometeram algum ato infracional. Durante o período que atuou como psicóloga nessa instituição, ela menciona que vivenciou momentos em que a religião se fazia bastante presente. A participante possui o título de mestre em Psicologia Social. Possui mais de dez anos de experiência na docência. Leciona e supervisiona estágio atualmente. Também realiza atendimento clínico. Já atuou também em projetos sociais desenvolvidos por ONGs.

PF3 relatou que durante seu percurso na Psicologia se deparou com situações em que a religião e a Psicologia se misturavam e a Psicologia não cuidava para delimitar o seu espaço

ou não considerava que a religião estava presente dentro do contexto em que as pessoas atendidas estavam inseridas. Ela também considera que a religião tem um papel muito forte e decisivo em alguns contextos e a Psicologia precisa reconhecer isso e a partir desse reconhecimento construir um diálogo entre os dois campos. **PF3** também menciona a presença da religião no atendimento clínico e questões relacionadas à intolerância religiosa.

PM4 graduou-se em 2006 e tem título de mestre em Psicologia Social. Trabalhou na área corporativa por mais de dez anos, atuando em treinamentos e gestão de talentos. Trabalhou também como coach, voltado para desenvolvimento de carreira profissional e paralelamente a isso, realizou atendimentos clínicos. Leciona Psicologia há menos de um ano e, também, atua como supervisor de estágio.

PM5 graduou-se em Psicologia em 2004 e possui o título de mestre em Psicologia Social. Leciona Psicologia desde 2009 e atua também como supervisor de estágio e coordenador de curso de graduação. Também tem experiência no atendimento clínico e no desenvolvimento de projetos sociais.

PM6 graduou-se em Psicologia em 2004 e possui o título de mestre em Psicologia Social. Sua dissertação de mestrado buscou entender o disciplinamento das crianças na escola. Começou a lecionar Psicologia em 2014 e atua também como supervisor de estágio. Já trabalhou em ONG voltada para o acolhimento de crianças em situações de vulnerabilidade e em programas relacionados a saúde da família. Também realiza atendimentos clínicos.

PF7 graduou-se em Psicologia em 1996. Possui título de doutora. Sua tese de doutorado foi sobre psicodiagnóstico interventivo. Possui mais de vinte anos de experiência na docência em Psicologia e atuou também como supervisora de estágio e coordenadora de curso de graduação. Segue como abordagem a Psicanálise. Já atuou em ONGs.

PF8 graduou-se em Psicologia em 2010. Possui título de mestre em Psicanálise. Lecionou Psicologia por cinco anos (parou em 2019). Realiza atendimentos clínicos desde sua formação.

PF9 graduou-se em Psicologia em 1997. Possui o título de especialista. É docente desde 2008. Supervisiona estágios na área de psicodiagnósticos, plantão psicológico e saúde. Possui mais de vinte e sete anos de experiência em atendimento clínico.

PF9 relatou que em diversos momentos de sua prática profissional já esteve envolvida em situações em que a presença da religião era bastante evidente. Por ter atendido muitos pacientes em fase terminal, na maioria das vezes a religião representava algo positivo e se fazia presente devido a aspectos dos pacientes e/ou de sua família. Entretanto, ela também cita que já houve situações em os pacientes apresentavam repulsa à religião chegando inclusive a negar o atendimento psicológico por pensar que receberia um atendimento religioso. Ela explica que mesmo não tendo conhecimento de PR, ela tenta na medida do possível acolher a demanda de seus pacientes, respeitando e promovendo um atendimento condizente com suas necessidades.

PF10 não mencionou o ano que se graduou em Psicologia, porém de acordo com o seu relato, pode-se constatar que sua graduação ocorreu há pelo menos vinte anos. Possui o título de mestre. Atualmente leciona e supervisiona estágio acadêmico.

Quadro 1: Caracterização dos participantes, histórico acadêmico e profissional

	Ano de graduação em Psicologia	Titulação	Tempo de docência	Leciona/supervisiona estágio atualmente	Abordagem	Supervisão de Estágio	atendimento Clínico	Outros atendimentos em Psicologia
PF1	1993	Mestrado	acima de 10 anos	não	Psicologia Social	Sim	Sim	Hospitalar, Pesquisas, organizacional
PM2	2008	Mestrado	abaixo de 10 anos	não	Psicanálise	Sim	Sim	Não informado
PF3	década de 90	Mestrado	acima de 10 anos	sim	Psicologia Social	Sim	Sim	Instituição total, Projetos Sociais
PM4	2006	Mestrado	abaixo de 10 anos	Sim	Psicologia Social	Sim	Sim	Organizacional, coach
PM5	2004	Mestrado	acima de 10 anos	sim	Psicologia Social	Sim	Sim	Projetos Sociais
PM6	2004	Mestrado	abaixo de 10 anos	Sim	Psicologia Social	Sim	Sim	Escolar, Projetos Sociais, ONG
PF7	1996	Doutorado	acima de 10 anos	sim	Psicanálise	Sim	Sim	ONG
PF8	2010	Mestrado	abaixo de 10 anos	Não	Psicanálise	Não	Sim	Não informado
PF9	1997	Especialização	acima de 10 anos	sim	Psicanálise	Sim	Sim	Hospitalar
PF10	Acima de 20 anos	Mestrado	acima de 10 anos	sim	Não informado	Sim	Sim	Aplicação de testes, Hospitalar

Também como forma de conhecer melhor os participantes, buscou-se levantar informações sobre a relação destes com a religião. As respostas mostraram se os participantes se consideravam adeptos de alguma religião, o nível de envolvimento e se havia um histórico de vida religiosa. Saber se o participante tem (ou já teve) algum envolvimento com alguma religião é importante para nossa pesquisa porque possibilita identificar se houve algum viés religiosos em alguma situação apresentada durante a entrevista.

Dos dez participantes entrevistados, quatro se consideram adeptos de uma religião (**PF1, PF3, PF7, PF10**) sendo dois da religião católica (**PF7, PF10**), um da umbanda (**PF3**) e um da católica e da umbanda (**PF1**). Seis participantes não se consideram adeptos de nenhuma religião (**PM2, PM4, PM5, PM6, PF8, PF9**), sendo que quatro destes disseram que já tiveram alguma ligação com uma ou mais religiões (**PM2, PM5, PM6, PF9**).

PF1 explicou que sua família frequentava duas religiões (católica e umbanda) e por conta disso ela se considera adepta das duas religiões.

PM2 se definiu como judeu de criação, mas hoje se considera um entusiasta do espiritismo e outras religiões. Ele gosta dos escritos bíblicos e transita entre o judaísmo, cristianismo, espiritismo e outras religiões sem se filiar a nenhuma. Ele não se julga pertencente a alguma religião mesmo considerando o judaísmo como sua religião de base.

PF3 se declarou umbandista, sem dar maiores detalhes.

PM4 não se considera adepto de nenhuma religião. Ele explicou que embora tenha vindo de uma família religiosa e tenha frequentado a igreja em sua infância, quando era pré-adolescente ele teve uma ruptura com a igreja passando a não acreditar mais em Deus.

PM5 não se considera adepto de nenhuma religião. Vale observar que, no fim da entrevista, pediu para voltar a essa questão para explicar que mesmo sem ser adepto de uma religião, ele tinha sua fé particular.

PM6 não se considera adepto de nenhuma religião. Ele explicou que conhece diversas religiões, já frequentou algumas igrejas, mas não sentiu vontade de se filiar a nenhuma.

PF7 se declarou católica praticante. Ela conta que teve uma trajetória religiosa na infância e que se afastou da religião na época da faculdade por considerar que a religião e a Psicologia eram oponentes. Quando ela estava no mestrado enfrentou alguns problemas pessoais que a fizeram retornar à religião. No mesmo momento, ao estudar os textos de Winnicott, ela percebeu que poderia conciliar sua religiosidade e a Psicologia.

PF8 não se considera adepta de nenhuma religião, sem dar maiores detalhes.

PF9 não se considera adepta de nenhuma religião, mas acredita em Deus. Ela relatou sua trajetória entre diversas religiões, relatou inclusive que seu trabalho de conclusão de curso na faculdade era dedicado ao estudo de algumas religiões e a Psicologia, mas que hoje sua relação com Deus é feita de forma direta sem o intermédio de religião alguma.

PF10 se declarou católica e considera a religião como uma necessidade para ela. Ela também menciona que admira todas as religiões.

Quadro 2: Pertencimento religioso

	Adepto de alguma religião	Qual?	Já foi adepto?
PF1	Sim	Católica e Umbanda	**
PM2	Não	**	Sim, judeu de criação, entusiasta do espiritismo e outras religiões.
PF3	Sim	Umbanda	**
PM4	Não	**	**
PM5	Não	**	Sim, teve criação nas religiões católicas e kardecismo.
PM6	Não	**	Já frequentou algumas igrejas, mas não se filiou a nenhuma.
PF7	Sim	Católica	**
PF8	Não	**	**
PF9	Não	**	Sim, tem uma vida religiosa que transita por várias religiões.
PF10	Sim	Católica	**

3.1.2 Eixo 2: Conhecimento sobre a Psicologia da Religião

O objetivo deste eixo foi investigar o nível de conhecimento de cada entrevistado sobre o campo da Psicologia da Religião e se há interesse em conhecer ou aumentar seus conhecimentos sobre este.

Dos dez participantes entrevistados, cinco declaram que não haviam tido contato com a PR (**PF1, PM4, PF8, PF9, PF10**), três declaram que já tiveram contato (**PM2, PF3, PM5**) e dois declaram que haviam tido muito pouco contato ou contato não direto com campo (**PM6, PF7**).

Dos três participantes que declaram que haviam tido contato com a PR, apenas o **PM5** teve contato de forma “oficial” por meio de uma disciplina que cursou durante a sua graduação. Os outros dois participantes (**PM2, PF3**) tiveram contato por meio de estudos

independentes (leitura de livros ou materiais pesquisados por interesse próprio) e por meio de pessoas que estudam sobre PR. Além de ter tido aula de PR na graduação, **PM5** declarou que estuda com frequência de forma independente temas relacionados à PR. **PM2** declarou que seu contato é indireto e superficial e **PF3** mencionou que já chegou a levar o tema para sala de aula durante a docência.

PM6 declarou não ter tido contato diretamente com o campo. Ele explicou que tomou conhecimento dessa área por meio de materiais discutidos em um curso sobre práticas integrativas relacionadas a Psicologia. Ele considera que o contato foi superficial e que ele não se considera um entendedor de PR.

PF7 declarou que teve muito pouco contato com a PR. Ela relatou alguns momentos em que a temática apareceu em sua formação e os conflitos que teve relacionados a sua própria religião e a Psicologia.

Cinco participantes declaram não terem tido contato com a PR (**PF1, PM4, PF8, PF9, PF10**). No relato da trajetória na Psicologia de quatro deles nota-se a presença de situações relacionadas à PR. **PF1** declarou que não teve contato com a PR, entretanto mencionou que já pesquisou sobre a temática em decorrência das necessidades do dia a dia, como por exemplo para atender pacientes em estado terminal ou para lidar com famílias enlutadas. **PM4** disse que não teve contato, mas nota-se em sua resposta que a PR já esteve presente em suas aulas. Ele menciona que já trabalhou em sala de aula textos de Soren Kierkegaard, Edith Stein e Victor Frankl, três autores que falavam sobre religião. **PF8** negou ter tido contato com a PR, mas mencionou que já fez leitura de textos do Freud⁸ sobre religião. **PF9**, por sua vez, também negou ter tido contato com a área, mas mencionou que viu muito pouco a

⁸ Uma das obras de Freud relacionada a temas da PR é Totem e Tabu publicado originalmente em 1913. (Freud, 2013)

respeito pois tinha colega que era estudiosa da temática e isso havia despertado seu interesse para conhecer mais sobre o campo.

Analisando os dados obtidos pode-se notar que a maioria dos docentes não afirma que teve contato com a PR, entretanto nota-se em suas narrativas que, de forma indireta, temas relacionados à PR estiveram presentes em suas trajetórias na Psicologia. Notou-se também que os participantes tiveram certa dificuldade para identificar o que seria a PR dentro da Psicologia. **PM4**, por exemplo, mesmo tendo utilizado em suas aulas textos de três autores que abordavam questões da religião dentro a Psicologia, não sabia se isso poderia ser considerado um tema da PR.

Quanto ao interesse na PR, dos dez participantes, apenas duas (**PF3, PF7**) declararam que não tinham interesse em conhecer melhor sobre Psicologia da Religião, sendo que uma delas (**PF7**) justificou sua resposta dizendo que nunca havia pensado sobre o assunto.

Oito participantes declararam ter interesse em conhecer melhor a Psicologia da Religião (**PF1, PM2, PM4, PM5, PM6, PF8, PF9, PF10**).

PM2 disse ter interesse por acreditar que o campo seja composto por diversos autores e leituras interessantes. **PM5** disse que seu interesse está relacionado ao fato de a Psicologia da Religião “fazer parte da Psicologia Social”. Vale lembrar que, conforme mencionado no capítulo 1, a PR é um campo de estudo da Psicologia e não se configura como uma abordagem ou pertencente exclusivamente a uma única abordagem da Psicologia. O participante relacionou a PR à Psicologia Social considerando a instituição de ensino em que estudou, onde a PR era considerada um campo da Psicologia Social. **PM6** menciona que tem interesse por motivos pessoais e profissionais. Ele explica que durante a prática da docência se manifestam alguns atravessamentos pessoais relacionados a religião e conhecer melhor a PR ajudaria lidar com tais atravessamentos:

PM6: Olha, me interessa muito. Assim... me interessa tanto pessoalmente... (né?) de falar sobre isso...(né) de discutir... (né?) de pensar... repensar também as nossas... porque a gente não está (né) desligado da nossa espiritualidade⁹. Quando a gente está atendendo, (né?) trabalhando, quando a gente está numa nova função no trabalho... seja dando aula (né)... meu foco é academia. Quando eu tô dando aula eu estou (né) professando mais que as teorias da Psicologia (né?) Eu também estou como um ser humano ali, que tem todos esses atravessamentos, (né?) Então, eu entendo que essa questão da espiritualidade... ela também está comigo nesse momento, (né?) E eu estou também sendo... eu não estou neutro em relação a isso (né)... eu estou falando Psicologia científica, eu acredito que eu estou ali... é um campo, como que você diz, interdisciplinar (né) está acontecendo junto, atravessando, (né?) e é um processo... então não tem como me separar disso.

PF8 considera um tema espinhoso que merece ser mais estudado.

De acordo com as respostas obtidas, constata-se que a maioria dos professores tem interesse em conhecer melhor a Psicologia da Religião. Embora as respostas tenham sido breves e apenas alguns justificaram-nas, pode-se constatar que os motivos que despertam o interesse pelo campo estão relacionados ao fato de o campo não ser muito conhecido por eles.

Investigou-se como os participantes compreendiam o conceito de religiosidade. Optou-se por esse conceito porque seu entendimento pode estar relacionado tanto a questões relacionadas ao próprio docente, quanto aos alunos ou aos pacientes assistidos por eles no estágio acadêmico.

De maneira geral os entrevistados têm ideias bem semelhantes acerca do conceito de religiosidade, considerando que o termo se refere a uma prática individual direcionada à conexão de um indivíduo com algo superior. Mesmo sendo uma prática individual, a maioria dos entrevistados acredita que tal prática seria orientada por elementos adquiridos ou provenientes de alguma religião ou instituição.

Além de expor o que compreende por religiosidade, **PF10** relatou um momento de sua graduação marcado pelo conflito entre a sua religiosidade e a Psicologia. Nesse relato a

⁹ Lembrando que o termo espiritualidade foi empregado por participantes sem compromisso com a conceituação assumida no capítulo 1 desta dissertação, respeitou-se a fala dos entrevistados nos termos que escolheu utilizar.

participante menciona como foi importante a mediação de uma professora para compreender os atravessamentos que viveu e como foi capaz de alinhar a sua vida religiosa e a Psicologia:

PF10: ... Teve uma época da minha vida que eu tinha uma professora psicanalista e [pausa] filósofa. Ela tinha formação em filosofia e [pausa] era psicanalista. Ela já não está mais aqui. E... eu perguntava para ela (assim) essa questão de acho que eu estudei muito metodologia científica e racionalismo. Essas, essas vertentes (né?) ... isso tudo eu enchia a paciência dessa professora, mesmo porque ela foi casada com o padre. Eu enchia a paciência dela... Ela gostava muito de mim e... eu perguntava para ela que... eu queria saber se ela acreditava em Deus e... como é que é isso para ela, como é que era esse link que a gente fazia (né?) Entre Deus e entre o racionalismo... as correntes da... epistemologia... (Não sei o quê). Um dia ela ficou bem cheia de mim e virou para mim e falou assim: “- você precisa viver uma experiência [pausa] e transcender nesse sentido... você precisa transcender nessa sua pergunta”

Alguns anos mais tarde, a mãe de **PF10** teve uma doença grave e sua cura significou para a participante a transcendência sugerida pela professora.

PF10: ...mas aí eu entendi a experiência que aquela professora falou que eu teria que viver. (Né)? Então eu entendi, na verdade, a religião como uma... a religiosidade como uma transcendência, ela não tem a ver nem com uma, nem com outra, nem com mas tem a ver com a transcendência, (não é?) Da sua subjetividade, do seu ser, enquanto um ser de fé.

Ao discorrerem sobre o termo religiosidade, os entrevistados mencionaram os seguintes termos: crença, conexão, Deus, sagrado, dogmas, fé, diálogo, religar, retomar, algo maior, prática organizada, metafísico, místico, caminho, prática pessoal, instituição, mediação, experiência pessoal, prática, prática espiritual, referenciais, instituição religiosa, sentido atribuído a pessoa, rituais, símbolos, conteúdos da religião, transcendente e subjetividade.

Quadro 3: Conceito de religiosidade de acordo com a perspectiva dos entrevistados.

	O que você entende por religiosidade?	Termo(s) utilizado(s)
PF1	Crença em algo imaterial que acompanha a identidade de cada indivíduo de cada grupo. Mesmo o indivíduo não frequentando o grupo, é algo que ele adquiriu em algum grupo.	Crença
PM2	Forma de conexão com Deus, com o Sagrado, com algo maior que passa de alguma maneira por instituições ou por dogmas estabelecidos ou ato de fé.	Conexão, Deus, Sagrado, dogmas, fé.
PF3	Maneira específica de dialogar, retomar, religar com algo maior.	Diálogo, religar, retomar, algo maior.
PM4	Prática organizada de você lidar com um elemento metafísico, com o místico, com o que vai além da compreensão humana. Um caminho, uma prática organizada em torno de dogmas.	Prática organizada, metafísico, místico, caminho, dogmas
PM5	Prática da pessoa se dedicar a experiência religiosa a partir de uma crença. Algo pessoal que é mediado por algum tipo de instituição. Considerando a Psicologia Social, mesmo sendo experiências pessoais e íntimas, elas têm uma mediação social.	Prática pessoal, crença, instituição, mediação, experiência pessoal.
PM6	Prática, maneira como a pessoa expressa e busca conexão com o que ela acredita, com a crença dela, uma maneira de se religar, que pode estar vinculado a uma religião ou não.	Prática, conexão, religar, crença.
PF7	Prática espiritual. Acreditar em Deus de alguma forma (qualquer que seja Deus) a partir de alguns referenciais.	Prática espiritual, Deus, referenciais.
PF8	Pode ser compreendida pelo viés da instituição relacionado a própria religião e pelo viés atribuído ao religioso, a pessoa	Instituição religiosa, sentido atribuído a pessoa.
PF9	Prática que você aprende na religião, dos dogmas, dos rituais, dos símbolos, ter conexão com esses elementos. Conhecer as teorias, os conteúdos da religião.	Prática, conexão, dogmas, rituais, símbolos, conteúdos da religião
PF10	Algo transcendente à religião. Crença independente da religião. Relacionado a subjetividade do ser como um ser de fé.	Transcendente, crença, subjetividade, fé

Os participantes foram perguntados se eles achariam importante falar sobre religiosidade durante a formação acadêmica de profissionais de Psicologia. O objetivo dessa pergunta foi compreender o que o professor pensa sobre trazer conceitos da PR para o contexto da graduação. Novamente, optou-se por usar o termo religiosidade nessa questão porque pode se referir tanto à religiosidade do docente, quanto do aluno de Psicologia ou dos pacientes atendidos em estágio. Além de saber se o docente considera importante ou não

discutir religiosidade na graduação, com as justificativas foi possível relacionar mais motivos para abordar a PR na graduação.

Todos os participantes consideram importante falar sobre religiosidade durante a graduação em Psicologia. Com exceção ao **PM4**, todos justificaram suas respostas. **PF1** justificou dizendo que não teve nenhuma discussão sobre o tema durante a sua graduação e que sente que essa lacuna interfere na sua prática profissional. **PM2** e **PF7** consideram importante discutir o tema para combater os tabus, preconceitos e mal-entendidos a respeito deste. A maioria das justificativas indicou uma preocupação com a preparação do estudante para atender os pacientes em sua prática profissional. Somente o **PF3** mencionou a importância de o aluno conseguir lidar e compreender a sua própria religiosidade.

PF3 e **PF7** mesmo tendo declarado que não tinham interesse em conhecer melhor a Psicologia da Religião, afirmaram agora que consideram importante falar sobre religiosidade durante a graduação.

PF1 menciona que sentiu falta de ter estudado sobre Psicologia da Religião em sua formação. Ela relata que teve que estudar em caráter de urgência sobre a relação do indivíduo com a religião para atuar no atendimento hospitalar de pacientes afetados pela pandemia da COVID-19 e seus familiares.

PF1: E aí você tem ali a beira leito e uma necessidade, (não é?) Os pacientes com um óbito ativo, os líderes chegando. Você fala: “– o que é isso?” (É) isso aí, você corre atrás... na minha formação, (né? É?) Não tenho formação em Psicologia da Religião. A gente, acaba meio que correndo atrás, (né?) Aí eu vou fazendo leitura de publicações, (né?) “– O que que é isso?” (é)... não só eu, como os colegas, mas... eu ainda tenho colegas. Nós somos em 6 psicólogas na nossa equipe, uma coordenadora que também atua no campo e mais 5, (é) profissionais. Algumas profissionais confundem a própria crença (que eu chamo de crença) e interferem no trabalho com o paciente.

PF10 relatou que foi muito importante para ela conseguir conciliar sua religiosidade a sua prática profissional e ela considera que a Psicologia precisa olhar mais para a religião

principalmente dentro das universidades. Além disso, na questão um, **PF10** trouxe no relato de sua trajetória profissional como ela faz para conciliar a sua prática na Psicologia com a sua própria religiosidade.

Quadro 4: Opinião sobre abordar religiosidade no curso de graduação em Psicologia

	Acha importante falar sobre religiosidade na graduação	Justificativa
PF1	Sim	Sente que faz falta hoje para ele
PM2	Sim	Porque há muito tabu, preconceito e mal-entendidos a respeito do tema.
PF3	Sim	Porque hoje não há abertura para o tema e muitas vezes o estudante está na faculdade guiado por sua fé.
PM4	Sim	**
PM5	Sim	Porque a religiosidade faz parte da formação subjetiva do sujeito e por isso é importante falar sobre isso na formação em Psicologia
PM6	Sim	Principalmente nos estágios pois é quando o estudante entra em contato com o sofrimento do individual que está no processo clínico.
PF7	Sim	Porque promove a ampliação de pensamento, superar o preconceito e delimitar melhor o campo
PF8	Sim	Para compreender melhor o sujeito e pensar no sofrimento que pode surgir decorrente de questões religiosas
PF9	Sim	Acha fundamental por morarmos em um país tão religioso
PF10	Sim	Porque é importante os alunos pensarem na subjetividade do sujeito.

3.1.3 Eixo 3: Temas da Psicologia da Religião na atividade de docente

O objetivo desse eixo foi verificar a presença da Psicologia da Religião na prática de docência. Pretendeu-se, por meio do relato dos professores, identificar se de maneira formal ou informal temas relacionados à PR foram abordados propositalmente, surgiram de forma espontânea, foram ignorados ou impedidos de serem discutidos. Para a exposição do mapeamento das ocorrências, temos em 3.1.3.a, as ocorrências em sala de aula e em 3.1.3.b, as ocorrências durante a realização/supervisão do estágio acadêmico.

3.1.3.a Ocorrências em sala de aula

Além de buscar saber se houve alguma situação em que assuntos relacionados à PR emergiram em sala de aula, atentou-se para a narrativa de como os professores lidaram com tal situação. Observou-se tanto aspectos relacionados à religiosidade dos próprios alunos e dos docentes quanto à preparação para atendimentos de futuros pacientes.

Quadro 5: Religiosidade em sala de aula

	Foi questionado sobre religiosidade	Detalhes / Situação
PF1	Sim	Não com o termo religiosidade, mas como religião
PM2	Acredita que sim	Não lembra diretamente, mas já teve alunos que eram pastores evangélicos, pessoas que declaravam explicitamente sua fé e ele procurou respeitar isso.
PF3	Sim	Mencionou que em uma aula em que trouxe uma discussão filosófica, um aluno o questionou sobre sua religiosidade de forma pejorativa.
PM4	Sim	Perguntaram sobre a sua religião e se acreditava em Deus
PM5	Sim	Mencionou que acontece com frequência
PM6	Não diretamente	Mesmo não sendo questionado, ele afirma que faz questão de falar sobre religião para diminuir possíveis resistências sobre o tema
PF7	Sim	Mencionou que não é algo comum para a parte teórica. O sujeito menciona que ele é questionado com mais frequência no estágio.
PF8	Não	Mencionou que em sala de aula nunca foi questionado, mas que se recorda que durante um grupo de estudo que coordenava surgiram algumas reflexões sobre as obras de Freud
PF9	Sim	Os alunos têm muitas dúvidas e ficam divididos entre ter uma postura crítica e uma postura religiosa.
PF10	Sim	**

Vale mencionar que **PF9** não leciona nem lecionou disciplinas teóricas de Psicologia. Sua prática acadêmica é exclusivamente como supervisora de estágio. Entretanto, mesmo atuando apenas na supervisão de estágio, **PF9** utiliza parte de suas aulas para retomar a explicação de algumas teorias da Psicologia. Sendo assim, algumas situações também são aplicáveis a essa participante.

Dos dez participantes, oito (**PF1, PM2, PF3, PM4, PM5, PF7, PF9, PF10**) responderam que já foram questionados sobre religiosidade durante as aulas e dois (**PM6, PF8**) responderam que não foram questionados.

PM6 contou que nunca havia sido questionado, porém faz questão de levar a temática para suas aulas e provocar a reflexão dos alunos sobre religiosidade.

PF8 também nunca havia sido questionada sobre religiosidade, mas mencionou que embora não tivesse sido em sala de aula propriamente, ela coordenava um grupo de estudo em Psicanálise em que houve algumas reflexões sobre religiosidade durante as leituras de Freud.

Dessa forma, mesmo os participantes que disseram não terem sido questionados sobre religiosidade trouxeram situações em que a temática emergiu no contexto acadêmico.

PF3 relatou uma situação preocupante para o campo da Psicologia da Religião. Ela mencionou que em uma discussão classificada por ela como filosófica, um aluno questionou se o conteúdo não estava sendo comprometido pela sua religião. O aluno explicou que não acreditava no que a participante estava lecionando porque achava que era um conteúdo relacionado à religião da participante, que tinha matriz africana. A participante, diante disso, teve que explicar a distinção entre os temas, mas isso a fez pensar o quanto de preconceito existe entre os estudantes e a confusão que é feita por falta de compreensão dos limites dos assuntos.

PF3: Nunca esqueço (é?)... Eu estava falando sobre filosofia e aí e aí um estudante falou pra mim: - “Isso que você está falando é coisa sua aí, das coisas que você acredita.” E aí isso me pegou. É...[pausa] aí eu lembro de eu pensar: “Sócrates, Sócrates” [risos] Eu estava falando sobre Sócrates, então é... isso me pegou muito, porque eu fiquei pensando “até nisso...” O quanto que isso pode ser de alguma maneira ameaçador, até esse ponto significativo. E aí, o fato de eu ser uma mulher negra (não é) também uma mulher negra numa religião de matriz africana... Eu acho que isso também é significativo.

A pesquisa procurou saber se os alunos manifestavam interesse em pesquisar algum tema relacionado à PR durante a graduação. Para isso, perguntamos aos participantes se eles já haviam orientado algum trabalho de conclusão de curso que abrangesse essa temática. Optou-se por investigar trabalhos de conclusão de curso, por se tratar de uma atividade na qual o estudante geralmente realiza uma pesquisa e escolhe um tema de seu interesse.

Dos dez participantes, somente um (**PM6**) declarou já ter orientado trabalho de conclusão de curso com tema relacionado à Psicologia da Religião. Contudo, vale mencionar que foi apenas um trabalho cujo tema abordava um projeto direcionado a pessoas com mais de 60 anos e um dos subtópicos do trabalho era sobre religiosidade.

PF7 e PF9 declararam que nunca orientaram TCC sobre a temática, mas já haviam participado de banca de avaliação de trabalhos relacionados à PR.

Os relatos dos entrevistados sugerem que temas relacionados a PR não são pesquisados com frequência por estudantes de graduação em Psicologia.

Quanto à abertura de algum espaço para abordar a Psicologia da Religião em sala de aula, dos dez participantes, cinco (**PM2, PM4, PM5, PM6, PF9**) declararam já terem promovido discussões sobre religião, religiosidade ou temas semelhantes e cinco (**PF1, PF3, PF7, PF8, PF10**) declararam que não promoveram tais discussões.

PF1, PF3 e PF7 declararam que não promoveram discussões sobre tais temas, porém discussões sobre esses temas surgiram espontaneamente entre os alunos e então aproveitaram para abordar e explorar o assunto. Dessa forma, pode-se dizer que mesmo a resposta sendo negativa, o teor pode ser considerado positivo, já que as discussões aconteceram.

PF1 mencionou em seu relato que já foi proibida por uma instituição de ensino de abordar qualquer tipo de assunto que pudesse fazer referência a religião e que em alguns momentos, ao ser questionada pelos alunos sobre a sua religiosidade, ela negava que tinha uma religião para não dar abertura para discussões.

PF1: Era meio que um tabu... “-Não, não vamos falar”... (é) teve instituição que eu trabalhei 2 ou 3 semestres que dizia assim: - “nós temos grupos, (né?) grupos católicos das vertentes e vários ministérios evangélicos” que era o público (da instituição). Coordenador falava isso: - “é proibido falar de religião”. Eu falava: “-poxa, de espiritualidade, o conceito (né?) de saúde”. “-Muito cuidado, porque isso vai cair em religião e aí a gente não consegue dar aula”.

Em seu relato **PF3** mencionou algumas situações da sua atuação acadêmica em a religião esteve presente.

PF3: Eu tinha estudantes que dialogava muito a partir da religiosidade que construiu o seu pensamento a partir da religiosidade, mas às vezes nem percebia que estava fazendo isso... Eu percebia que à medida que você se aproxima do estudante (aí) você consegue perceber e ajudar e entender que aquilo é um raciocínio religioso e que eu acho... que... promover encontros para ele conseguir perceber isso também. Porque o curso ele tem muitas oportunidades de encontros, (é) atividades que possam problematizar essa fluidez, esse alcance da religião.

PF10 declarou que não promove discussões sobre tais assuntos porque percebe a resistência dos alunos para falar sobre o tema.

Quadro 6: Discussões sobre Psicologia da Religião em sala de aula

	Promoveu discussões sobre PR	Situação / Detalhes
PF1	Não	Menciona que surgiram de forma espontânea a partir da interpretação de alguns textos
PM2	Sim	Além de promover reflexões em sala de aula, o participante também fez 2 vídeos para o seu canal do Youtube abordando o preconceito que religiosos sofrem no contexto psicanalítico
PF3	Não	Mas o tema surgiu e o participante aproveitou para provocar a reflexão. Inclusive ele aproveitou para levar o tema para uma palestra de evento de Psicologia que aconteceria na instituição
PM4	Sim	Abordando sobre transcendência
PM5	Sim	Na disciplina de Psicologia Comunitária tratando a instituição religiosa enquanto comunidade; da religião na socialização; falou sobre preconceitos relacionados a religião principalmente de matrizes africanas
PM6	Sim	Nas disciplinas de Psicologia Institucional, Psicologia de Grupos
PF7	Não	Mas o tema já surgiu e o participante aproveitou para promover discussões para diminuir o preconceito e aumentar a compreensão dos alunos sobre o tema
PF8	Não	**

PF9	Sim	**
PF10	Não	Porque percebe resistência dos alunos sobre o tema

Além de investigar se os participantes já haviam promovido discussões sobre PR com os estudantes, buscamos também investigar se os participantes se sentiam confortáveis para falar sobre a temática ou se já havia acontecido alguma situação que pudessem ter percebido algum tipo de desconforto neles ou entre os estudantes. Pretendeu-se também identificar se os docentes poderiam manifestar algum tipo de resistência para lidar com o tema.

PF3, PM4 e PF7 declararam que nunca sentiram desconforto nem perceberam algum desconforto nos alunos para falar sobre religião, religiosidade ou temas relacionados à PR.

PM2 disse que já se sentiu desconfortável para abordar tais temas pois se sentia despreparado e não conhecia muito bem sobre os assuntos a eles relacionados. Mencionou ainda que tinha receio de que algum aluno autodeclarado religioso ou adepto a alguma religião pudesse demonstrar alguma resistência.

PF1, PM6, PF8 e PF10 declararam que já perceberam desconforto nos alunos para falar sobre os temas. **PF1** recordou que já chegou a mediar um conflito entre dois grupos de alunos que pertenciam a religiões diferentes. **PM6**, quando notava o desconforto dos alunos, aproveitava para abordar melhor o tema e amenizar o desconforto. **PF8** mencionou que os alunos que se autodeclaravam religiosos apresentavam desconforto ou resistência para pensar na psicanálise sem uma visão teísta. **PF10** comentou que percebia que os alunos evangélicos não gostavam de falar de outras religiões.

PM5 e PF9 declaram que já se sentiram desconfortáveis e já perceberam o desconforto nos alunos para abordar tais temas. **PM5** mencionou que tinha receio de causar qualquer tipo de desconforto nos alunos, mas que mesmo assim trazia as discussões para a sala de aula sempre enfatizando a ciência. **PF9** mencionou que percebeu que alguns alunos

religiosos se sentiam envergonhados ou com receio de serem discriminados por conta de sua religião.

Além disso, **PF9**, que atua no estágio acadêmico na área hospitalar, relatou que em alguns momentos da docência ela promove reflexões em seus alunos sobre religião e Psicologia, como no trecho abaixo:

PF9: Então, é, geralmente eu levo os meus alunos a esse tipo de reflexão, (não é?) É de como a gente vai pesquisar, respeitando o que essa pessoa (*o paciente*) apresenta, a relação que ela tem com essa religião, com essa religiosidade e o quanto que isso está sendo favorável para que ela tenha uma partida mais tranquila, para que ela se recupere melhor. Então, quanto que essa religião e esses dogmas, esses conhecimentos que ela teve na vida dela, estão sendo favoráveis ou não para o desenvolvimento da sua saúde.

Quadro 7: Desconforto relacionado a temas da Psicologia da Religião em sala de aula

	Desconforto relacionado à PR	Docente ou aluno	Situação / Detalhes
PF1	Sim	alunos	Já chegou a mediar conflito entre grupos que discutiam em sala e usavam conceitos superficiais para se impor sobre o outro. O participante mudou o rumo da discussão utilizando argumentos científicos.
PM2	Sim	docente	Em um momento que ele se sentia despreparado para abordar esses temas.
PF3	Não	**	**
PM4	Não	**	**
PM5	Sim	os dois	Menciona que já se sentiu desconfortável e receio de causar algum mal-entendido, mas sempre que aborda algum desses temas ele enfatiza que se trata de uma discussão científica.
PM6	Sim	alunos	Já notou resistência entre os alunos e mesmo assim o participante tenta abordar o assunto para amenizar o desconforto.
PF7	Não	**	**
PF8	Sim	alunos	Percebeu que os alunos religiosos se sentiam desconfortáveis em estudar psicanálise e pensar que essa traria uma visão ateísta de ver o sofrimento causado pelas instituições.
PF9	Sim	os dois	Já percebeu que os alunos adeptos a algumas religiões se sentiam envergonhados ou com receio de serem discriminados pelos professores
PF10	Sim	nos alunos	Principalmente dos alunos evangélicos que não gostam de falar de outras religiões

3.1.3.b Ocorrências na supervisão de estágio

Além de investigar a PR em sala de aula, também foi investigado se temas de PR estariam presentes durante a supervisão do estágio acadêmico. Dos dez entrevistados, apenas um (**PF8**) não atua nem atuou como na supervisão de estágio. Portanto, a análise desse aspecto será feita considerando as informações trazidas por nove participantes.

Os participantes foram questionados se durante a supervisão de estágio houve alguma situação em que assuntos relacionados a PR emergiram e como eles lidaram com tal situação. Foi perguntado também se tal situação havia sido trazida por algum questionamento de algum aluno ou foi de alguma demanda do paciente atendido no estágio.

Dos nove participantes considerados nessa questão, três (**PM2, PM4, PM5**) declararam que não tiveram nenhuma demanda relacionada à religiosidade durante a supervisão de estágio acadêmico. Mesmo tendo supervisionado estágios em instituições religiosas, **PM5** não se recorda de nenhuma demanda relacionada à religião. Ele menciona que os alunos delimitavam bem os espaços e faziam intervenções sem considerar que estavam em um espaço mantido por uma religião.

PF1, PF7 e PF10 mencionaram que as demandas ligadas aos temas de PR que surgiram foram por parte dos pacientes. **PF1** mencionou que sempre buscava apoio em materiais da Psicologia para compreender e atender da melhor forma cada demanda. **PF7** mencionou que demandas religiosas aparecem com frequência e sempre busca compreender como ela surgiu e o contexto a que ela está relacionada; para isso, ela estuda a religião do paciente. **PF10** mencionou que demandas religiosas aparecem com frequência quando o estágio é realizado com pacientes terminais e que ela se sente impedida de fazer discussões sobre temas religiosos.

PF10: Apareceu, mas sem que eu pudesse falar, por exemplo... como é caso que eu falo de quem lida... por exemplo, é... eu tenho um grupo que faz [*a participante menciona o nome do grupo*]. Tem uma pessoa que está em estado terminal que eu tenho uma estagiária atendendo (não é?)...e... o que eu falo para ela... que a Psicologia agora... ela (Psicologia) provavelmente ela não vai dar conta da qualidade de vida dessa pessoa que está muito já... numa fase avançada e... o que dá conta?? o que dá conta é o olhar generoso (não é?) É... na verdade, essa pessoa é jovem, tem 40 anos que está em estado terminal... (é)... tem uma mãe... é moradora de rua... e são moradores de rua... tem uma mãe que não aceita. Então assim, o que eu tento falar é que, na verdade, que haja um acolhimento (não é?) Que enalteça o amor, (não é?) Mas eu não posso falar em religião.

PM6 e PF9 mencionaram que demandas religiosas surgem tanto por parte dos alunos quanto por parte dos pacientes atendidos. **PM6** mencionou as dificuldades dos alunos em compreender algumas questões relacionadas a ele mesmo que emergiram durante a realização do estágio. **PF9** mencionou uma situação em que um aluno sugeriu que o sofrimento de uma paciente poderia ser solucionado se ele buscasse alguma ajuda religiosa. Nesse contexto, a professora aproveitou para provocar uma reflexão no aluno sobre os conflitos que ele mesmo tinha e que o impediam de manejar adequadamente a demanda do paciente.

PF9: Tem sim, já aconteceu. Por exemplo, de um caso que o paciente era mega promíscuo assim, um putanheiro. E aí, aluna falou assim: “-Será que não é bom falar um pouquinho de Deus para ele? Ele precisa sentir um pouquinho culpado. Para ele ter algum compromisso com alguma coisa. Para entender que a vida foi Deus que deu para ele. Que ele não pode jogar a vida dele no buraco.” Eu disse: “-Olha, não! E você tem que suportar esse comportamento dele. O que tá acontecendo é que você não está suportando (né?) esse lugar (né) entender o porquê está acontecendo isso, então vamos entender você primeiro (né?) Que está te deixando tão desconfortável assim que você precisa apelar para Deus (né?)”

Quadro 8: Demandas relacionadas à Psicologia da Religião no estágio acadêmico

	Demanda relacionada à religiosidade	Do aluno ou do paciente	Situação / Detalhes
PF1	Sim	Paciente	O participante buscava material para atender a demanda que surgia.
PM2	Não	**	**
PF3	Sim	**	Em alguns momentos as demandas apareceram de forma confusa e cabe ao supervisor mostrar para o aluno como separar as coisas e poder atender o paciente.
PM4	Não	**	**
PM5	Não	**	Mesmo tendo supervisionado alguns estágios em instituições religiosas, o participante não se recorda de nenhuma demanda relacionada a religiosidade propriamente dita.
PM6	Sim	ambos	Ou está relacionado ao quadro clínico do paciente ou o próprio aluno manifesta a incompreensão de algumas coisas relacionadas a religião e que emergiram durante o estágio.
PF7	Sim	paciente	Aparece constantemente e o participante busca compreender como tal demanda surgiu e como compreender o contexto religioso que ela se encontra.
PF8	N/A	N/A	N/A
PF9	Sim	Ambos	Aluno não sabe lidar com o comportamento de um paciente e menciona que se ele tivesse alguma religião sua situação estaria melhor. O participante aproveita a situação para provocar na aluna uma reflexão sobre sua própria condição e o porquê ela não consegue suportar o caso de seu paciente sem a interferência da religião.
PF10	Sim	Paciente	Paciente em estado terminal, mesmo emergindo questões religiosas, a supervisora menciona que não pode falar sobre o tema.

Foi perguntado também aos participantes se eles se sentiam preparados para lidar com demandas relacionadas a PR no estágio acadêmico.

Dos nove participantes considerados nessa questão, três (**PF1, PF9, PF10**) declararam que não se sentem/se sentiam preparadas para lidar com demandas relacionadas à religiosidade e seis (**PM2, PF3, PM4, PM5, PM6, PF7**) declararam que se sentem/se sentiam preparados para lidar com tais demandas.

Dos seis participantes que declararam que se sentem/se sentiam preparados para lidar com demandas relacionadas à religiosidade, quatro (**PM2, PF3, PM6, PF7**) não tiveram nenhuma preparação formal para lidar com tais demandas.

PM2, PF3, PM6 e PF7 adquiriram confiança para lidar com demandas relacionadas a religiosidade por meio de suas práticas profissionais, estudos independentes e histórico de vida.

PM4 e PM5 foram os únicos que tiveram preparação formal para lidar com demandas relacionadas à religiosidade. **PM4** mencionou que participou de grupos de pesquisas sobre a temática. **PM5** foi o único que teve uma disciplina sobre Psicologia da Religião na graduação.

PF1 declarou que não se sente preparada para lidar com tais demandas, mas que busca aprender junto aos alunos (estudando o caso) no momento em que as demandas surgem.

PF9 já estudou sobre temas relacionados à religiosidade, possui experiência em demandas relacionadas a esta, porém declara que nunca se sentirá plenamente preparada para lidar com temas da Psicologia.

Quadro 9: Preparo para lidar com demandas relacionadas à Psicologia da Religião no estágio acadêmico

	Se sente/ se sentia preparado para as demandas	Teve preparo na formação?	Como adquiriu o preparo? / Trajetória
PF1	Não	Não	Buscava aprender junto aos alunos sobre as demandas que surgiam
PM2	Sim	Não	Adquiriu por meio da experiência de análise pessoal / amadurecimento pessoal.
PF3	Sim	Não	Adquiriu por meio da atuação prática
PM4	Sim	Sim	Participou de núcleos de pesquisa
PM5	Sim	Sim	Teve disciplina de PR na graduação
PM6	Sim	Não	Fez alguns cursos de formação complementares que ajudaram a preparar para lidar com questões de saúde integral e também a prática hospitalar ajudou nesse preparo
PF7	Sim	Não	Sua própria experiência de vida o fez se sentir preparada para lidar com tais demandas
PF8	N/A		

PF9	Não	Não	Já estudou e já teve experiência prática com demandas, porém o participante disse que nunca se sentirá preparado
PF10	Não	Não	

3.1.4 Eixo 4: Dúvidas e comentários

No fim da entrevista, foi dado às entrevistadas e entrevistados a oportunidade de fazer complementações acerca do tema tratado, tirar dúvidas ou fazer sugestões à pesquisa. Criou-se um espaço para que o participante pudesse se expressar sobre o tema abordado. Os participantes expuseram suas opiniões sobre o tema, fizeram questionamentos e/ou complementaram suas respostas.

PF1, PF8, PF9 e PF10 elogiaram o tema ressaltando sua importância para a Psicologia. **PF1** reforçou a importância de incluir a PR na grade da graduação em Psicologia. **PF9** reforçou a relação da religião com a sociedade propriamente dita e a necessidade de um olhar da Psicologia para esse fator.

PF8 e PF7 mencionaram que a pesquisa trouxe algumas reflexões sobre a própria prática profissional e sobre o papel da Psicologia em relação a religião.

PM2, PF3 e PM4 aproveitaram o espaço para fazer questionamento sobre o tema ou sugerir mais discussões para que os conceitos relacionados a este sejam mais bem compreendidos. **PM4** pediu claramente para que fosse explicado o que seria a PR propriamente dita.

PM2 também trouxe esse questionamento, mas de uma forma mais detalhada, usando alguns tópicos que ele acredita que façam parte da PR. Ele também manifestou a necessidade de se promover discussões mais aprofundadas sobre o campo para com isso melhorar o entendimento sobre alguns pontos como: diferenciar o que é a fé, o que é a religião, o que é a religiosidade, o que é espiritualidade, a relação do ser humano com Deus, a função

simbólica ou emocional do ateísmo, como é que funciona um psicólogo religioso, o que se extrai de saber na religião que pode servir para a Psicologia. Ele considera que todas essas pautas são válidas e precisam ser mais aprofundadas.

PF3 mencionou a confusão proveniente da falta de delimitação e de entendimento da Psicologia e da religião. Ela sugere que seria interessante que tais áreas se apresentassem como distintas, porém ligadas e que isso melhorará na medida em que mais estudos e mais discussões forem sendo promovidas.

PM5 usou o espaço para esclarecer a resposta que deu na pergunta relacionada a sua relação com a religião. Ao ser perguntado se era adepto de alguma religião, **PM5** declarou que não seria adepto de nenhuma religião, entretanto ele achou importante explicar que vinha de uma família que era parte adepta da religião católica e parte adepta da religião kardecista. Ele já havia frequentado rituais da religião católica e centro espírita, mas que atualmente ele tinha a própria religiosidade dele, não sendo nem ateu e nem agnóstico.

PM6 não quis fazer nenhum comentário, apenas reforçou o quanto gostou de estudar textos de Berni – um psicólogo brasileiro de abordagem humanista transpessoal – e que a leitura desses textos¹⁰ o ajudou a compreender a delimitação da Psicologia e da Religião. Quando perguntado se havia tido contato com o campo da Psicologia da Religião, o participante mencionou que tinha tido aulas com um professor chamado Luiz Eduardo V. Berni e este trouxe discussões a respeito da PR.

Mediante os resultados obtidos, notou-se que a Psicologia da Religião é considerada importante para a maioria dos entrevistados, entretanto há dúvidas sobre sua definição e abrangência.

¹⁰ O participante não especificou quais seriam esses textos. Pontuamos, contudo, que Berni foi responsável pela organização da Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Laicidade, religião, direitos humanos e políticas públicas publicada pelo CRP-SP em 2016.

3.2. DA PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental de caráter investigativo foi realizada em planos de disciplinas disponibilizadas por alguns dos docentes que foram entrevistados. Todos os participantes foram convidados a enviar de forma voluntária os planos das disciplinas que lecionam/lecionaram. Dos dez participantes, somente três (**PF1**, **PM4**, **PM6**) disponibilizaram os planos das disciplinas. No total foram obtidos sete planos de disciplinas da graduação de Psicologia. **PF1** disponibilizou o plano de cinco disciplinas (Psicologia Hospitalar, Práticas Institucionais em Saúde, Psicologia e Políticas Públicas, Psicologia Geral e Tópicos Especiais em Psicologia). **PM4** disponibilizou o plano de uma disciplina (Fenomenologia) e **PM6** disponibilizou o plano de uma disciplina (Psicologia Hospitalar).

Uma docente entrevistada (**PF9**) atuava apenas na supervisão de estágio, portanto não havia planos de disciplinas a disponibilizar.

Os seguintes descritores foram utilizados para realizar a pesquisa nos documentos disponibilizados: “religião”, “religiosidade”, “espiritualidade”, “crença”, “religioso”, “sagrado”, “senso religioso”, “*coping* religioso”, “espiritual”, “fê”, “divino”, “cultura religiosa”, “intolerância religiosa”.

A análise dos sete planos de disciplinas disponibilizados pelos docentes entrevistados mostrou que dos treze descritores definidos para a pesquisa documental, somente os descritores “religião” e “religioso” foram encontrados nos planos das disciplinas. Os dois descritores foram encontrados na disciplina de Fenomenologia disponibilizada por **PM4**.

O descritor “religião” apareceu somente uma vez na aula de apresentação da disciplina. O conteúdo proposto era uma apresentação panorâmica da história e teoria da

Psicologia Existencial-Fenomenológica. A aula teve referências bibliográficas o “Capítulo 1: Pressupostos Históricos (p. 13-47)” e “Capítulo 2: A Fenomenologia (p. 49-101)” de Ales Bello (2004).

O descritor “religioso” apareceu na descrição das aulas 8 e 9 da disciplina Fenomenologia cujos conteúdos eram: “Produção de apresentação teórica e análise de filme, obra literária, artística, filosófica, espaço religioso e outros modos de apresentação para leitura a partir da Psicologia Existencial-fenomenológica”. As duas aulas foram direcionadas à apresentação dos alunos de trabalhos por eles desenvolvidos. Por se tratar de aulas destinadas à apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos alunos, não foi possível analisar como o conceito foi abordado e se ele realmente foi abordado.

A pesquisa documental, ainda que bem limitada e tímida, indica que pouco se aborda a Psicologia da Religião ou temas a ela relacionados de forma oficial na formação profissional dos graduandos em Psicologia.

Quadro 10: Resultado da pesquisa documental

Descritor	Número de Ocorrências	Disciplina
Religião	1	Fenomenologia
Religiosidade	0	
Espiritualidade	0	
Crença	0	
Religioso (a)	2	Fenomenologia
Sagrado	0	
Senso religioso	0	
<i>Coping</i> religioso	0	
Espiritual	0	
Fé	0	
Divino	0	
Cultura religiosa	0	
Intolerância religiosa	0	

Capítulo 4 – DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentadas algumas discussões realizadas em torno das análises dos dados obtidos nas entrevistas semidirigidas e na pesquisa documental.

Os dados apresentados no Capítulo 3 evidenciam que temas relacionados à Psicologia da Religião estão presentes, ainda que informalmente, na formação profissional dos estudantes de Psicologia e, com isso, as duas hipóteses levantadas no projeto de pesquisa foram confirmadas:

Hipótese 1: Temas relacionados à Psicologia da Religião estão presentes no processo de formação de psicólogas e psicólogos de forma indireta, podendo não ser percebidos ou ser ignorados, negados ou negligenciados por falta identificação ou de conhecimento dos docentes a respeito do tema.

Hipótese 2: Temas relacionados à Psicologia da Religião são trazidos pelos alunos durante a supervisão do estágio acadêmico a partir de questionamentos ou demandas dos pacientes atendidos pelo programa de estágio.

Com relação à primeira hipótese, notou-se que, na maioria das vezes, situações envolvendo temas relacionados à PR são percebidas pelos docentes que, mesmo não tendo recebido preparo adequado, recorrem a diversos recursos para tentar atender as demandas que emergiram e, em alguns casos, aproveita-se da ocasião para promover discussões relacionadas ao tema.

A evidente confirmação das hipóteses corrobora a urgência e importância de se abordar a PR no contexto acadêmico. É importante mencionar que os relatos dos docentes nas entrevistas mostraram situações em que temas relacionados à PR emergiram a partir de

alguma demanda ocasional e originaram, em alguns casos, discussões não planejadas em torno do que havia se apresentado naquele momento. Não houve nenhum relato que evidenciasse alguma atividade programada e estruturada relacionada ao estudo ou compreensão do campo propriamente dito.

Conforme mencionado no capítulo 1, embora a PR não seja considerada um campo novo da Psicologia, ela não é muito conhecida inclusive por profissionais da área. Esse fato também foi confirmado nessa pesquisa. Mesmo os participantes que declararam conhecer a área, demonstraram a necessidade de estudar mais ou, até mesmo, desconforto para lidar com algumas situações relacionadas a PR. Por outro lado, o interesse dos docentes em conhecer mais sobre o campo, a necessidade de se preparar para atender as demandas que emergem em sala de aula ou no estágio acadêmico, e o reconhecimento da importância da PR para compreender o ser humano em sua totalidade são indicadores de que o campo está se expandindo.

Os resultados obtidos no desenvolvimento deste trabalho trouxeram informações mais aprofundadas sobre a PR, o que gerou alguns desdobramentos a partir das hipóteses investigadas. Como exemplos, temos o testemunho de um participante que conseguiu conciliar a sua prática profissional e sua própria religiosidade (PF10), ou então a docente que sofreu preconceito em sala de aula devido à sua religião (PF3). Essas situações servem para mostrar que pensar na PR no contexto acadêmico vai além do preparo para atuação profissional dos estudantes, mas também serve para lidar com conflitos vivenciados durante a graduação. Não é algo que visa apenas o futuro, mas sim algo relacionado ao momento presente.

A confirmação das hipóteses foi apresentada logo no início deste capítulo com o intuito de subsidiar discussões de outros aspectos que surgiram no desenvolvimento da

pesquisa. Para facilitar o entendimento e promover reflexões mais direcionadas, as discussões a seguir foram divididas nas seguintes categorias:

- 1. Situações relacionadas à Psicologia da Religião**
- 2. Conhecimento, preparo, despreparo, desconforto e resistência**
- 3. Importância e temas de Psicologia da Religião**

Essas três categorias são diferentes e complementares, ou seja, a leitura e compreensão delas trará uma visão mais amplificada da atual situação da PR no contexto acadêmico feito a partir de relatos, opiniões, percepções e experiências trazidas pelos docentes entrevistados.

1. Situações relacionadas à Psicologia da Religião

As discussões apresentadas aqui foram feitas em torno das situações relatadas pelos participantes em que temas relacionados à PR emergiram e foram percebidos por eles ou em torno de situações em que os temas emergiram e não foram percebidos ou identificados como temas da PR. Notou-se que alguns docentes se preocuparam em trazer em suas respostas situações que se relacionariam com a PR. Talvez isso tenha acontecido porque a temática que seria abordada na pesquisa foi apresentada no convite para participar da entrevista e isso, de alguma forma, provocou algum tipo de reflexão sobre o tema. Cabe mencionar aqui que um dos docentes convidados para participar da pesquisa declinou o convite porque não se sentia preparado para falar sobre PR.

Alguns dos docentes entrevistados utilizaram o espaço para falar sobre sua trajetória em Psicologia para relatar situações relacionadas à PR, mesmo que isso ainda não tivesse

sido perguntado. Por exemplo, **PF1** mencionou que em uma das instituições que trabalhou era proibido falar sobre religião. **PF3** relatou como ela fazia para lidar com a temática na docência. **PF9** mencionou como promove reflexões sobre a PR em seus alunos. **PF10** destacou em seu discurso como foi importante para ela conciliar sua religiosidade à prática profissional em Psicologia. O fato de os participantes terem mencionado situações relacionadas à PR enquanto relatavam suas trajetórias na Psicologia demonstrou uma necessidade de falar sobre o tema, inclusive alguns participantes elogiaram a iniciativa de se abordar algo que para muitos psicólogos é considerado um tabu ou, usando a palavra de **PF8**, “um tema espinhoso”.

Todos os participantes relataram que de alguma maneira tiveram contato com temas relacionados à PR em sala de aula ou em sua trajetória profissional.

PF3 relatou uma situação envolvendo preconceito contra a sua religião de matriz africana. Na ocasião o aluno invalidou a explicação do conteúdo programado para a aula por achar que ele estava enviesado pela religião da docente. Essa situação nos remete ao preconceito relacionado à intolerância religiosa. A Cartilha Virtual Psicologia & Religião (Zangari & Machado 2018), menciona que uma pessoa é considerada intolerante quando inferioriza ou menospreza outras pessoas adeptas de religiões diferentes da sua (ou não possuem uma religião). A intolerância está relacionada ao fanatismo religioso e este se configura como uma maneira estreita e rígida de pensar que a sua religião é a única religião correta, válida e verdadeira que existe. O fanatismo religioso é visto como algo negativo e perigoso, pois pode gerar problemas de dimensões individuais como sofrimentos psíquicos ou problemas sociais como, por exemplo, ataques terroristas ou guerras entre países. Martins et al. (2020) explicam que o fanatismo religioso ocorre de forma gradual e contínua, sendo sustentado por uma estrutura social que acolhe o sistema de crenças de um indivíduo, acrescentando-o ao sistema ideológico, fanático e extremista já existente, formando o que

eles denominam de espiral ascendente de complexidade. Mesmo não tendo informações suficientes para afirmar que o aluno seja um fanático religioso, pode-se pensar que ele encontra dentro de sua religião o acolhimento para manutenção do preconceito contra religião de matrizes africanas.

A participante entrevistada relaciona a situação vivida também a questões interseccionais de gênero e raça, pois ela menciona que se sentiu ameaçada por ser mulher e negra. O fato é que a situação revela muitos atravessamentos que precisam ser abordados com os estudantes para que eles não os carreguem para suas práticas profissionais. Um silenciamento diante de uma situação como essa pode acarretar infrações graves no exercício da profissão.

O artigo 2º da Resolução 07/2023 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) menciona que os aspectos religiosos e culturais precisam ser considerados no exercício da profissão e isso não compromete a laicidade da prática profissional:

Art. 2º A psicóloga e o psicólogo, no exercício profissional, devem utilizar princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional, e considerar:

I - a laicidade como pressuposto do Estado Democrático de Direito, fundado no pluralismo e na garantia dos direitos fundamentais;

II - os aspectos históricos e culturais das experiências espirituais e religiosas;

III - a dimensão da religiosidade e da espiritualidade como elemento formativo das subjetividades e das coletividades;

IV - os aspectos históricos e culturais dos saberes dos povos originários, comunidades tradicionais e demais racionalidades não-hegemônicas presentes nos contextos de inserção profissional;

V - as vivências a-religiosas, agnósticas e ateístas de indivíduos e grupos.

Pensando em evitar situações semelhantes a essa relatada por **PF3**, **PM6** afirmou que mesmo não sendo questionado pelos estudantes sobre religiosidade, ele faz questão de falar sobre religião para diminuir possíveis resistências sobre o tema.

Embora a resolução seja explicativa sobre o que deve ser respeitado e observado com relação aos aspectos religiosos na prática profissional, falta mencionar de forma mais clara que estas diretrizes também são direcionadas à religiosidade dos próprios psicólogos. Nesta pesquisa foram relatadas algumas situações em que se nota a presença de conflitos entre a religiosidade dos alunos ou docentes e a Psicologia, como no caso referido por **PF9** de uma aluna que sugeriu que o sofrimento de uma paciente poderia ser solucionado se ele buscasse alguma ajuda religiosa. Nesse contexto, o participante aproveitou para provocar uma reflexão no aluno sobre os conflitos que ele mesmo tinha que o impedia de atender a demanda do paciente. A situação corrobora resultados obtidos por Pereira e Holanda (2019), que constataram por meio da análise de algumas pesquisas empíricas que a maioria dos estudantes de Psicologia entrevistados nos estudos analisados não se sentiam seguros ou preparados para lidar com sua própria religiosidade ou para atender as demandas emergentes no estágio acadêmico relacionada a essa temática.

Além do que foi pontuado pela docente sobre a necessidade de a estudante precisar inicialmente compreender a sua própria religiosidade e não deixar que ela interfira em sua prática profissional, deve-se observar o que diz o artigo 1º e o item II do artigo 3º da Resolução 07/2023 do CFP:

Art. 1º A psicóloga e o psicólogo devem atuar segundo os princípios éticos da profissão, pautando seus serviços no respeito à singularidade e diversidade de pensamentos, crenças e convicções dos indivíduos e grupos, de forma a considerar o caráter laico do estado e da ciência psicológica.

Art. 3º É vedado à psicóloga e ao psicólogo, nos termos desta Resolução e do Código de Ética Profissional:

II - induzir a crenças religiosas ou a qualquer tipo de preconceito, no exercício profissional.

Conforme pode-se notar, a sugestão feita pela estudante, se fosse aceita, infringiria as normas estabelecidas na resolução apresentada. Mesmo não se considerando uma pessoa que entenda de PR, a conduta da participante foi correta ao explicar que a sugestão não seria uma alternativa válida no exercício da profissão de psicóloga. Situações como essa relatada pela participante mostra o quanto discutir PR com os estudantes é fundamental para exercer a Psicologia com responsabilidade. Discutir com os alunos os *10 mandamentos da exclusão metodológica do transcendente* elaborados por Zangari e Machado (2016) ajudaria a realizar o manejo clínico de forma mais adequada. O mandamento número 4, por exemplo, estabelece que o psicólogo não deve praticar uma Psicologia religiosa e não atuar a serviço de nenhuma religião.

PF3 e PF9 também relataram que perceberam que alguns estudantes demonstravam dificuldades para identificar se sua própria religiosidade estava de alguma forma interferindo na compreensão dos conceitos da Psicologia ou na realização do estágio acadêmico. Além dos conflitos percebidos nos estudantes, a pesquisa mostrou que os participantes entrevistados também vivenciaram situações em que a sua religiosidade entrou em conflito com a Psicologia e relataram o que fizeram (ou fazem) para resolver tal conflito. **PF10** considera possível atuar na Psicologia sem abandonar suas crenças, mas para isso ela menciona que precisou delimitar o espaço da sua religiosidade e da sua prática profissional. Para demonstrar como consegue fazer a delimitação mencionada, a participante trouxe como exemplo a maneira que orienta seus alunos no estágio acadêmico quando estão atendendo pacientes em estado terminal. Em seu relato, ela menciona que quando vivencia alguma

situação que envolve doentes terminais e, em seu entendimento a Psicologia não consegue mais agir no caso, sua vontade como pessoa é orientar seus alunos a buscar a religião para atender seus pacientes, mas considerando que isso infringiria a conduta profissional, ela opta por uma alternativa, como por exemplo, pedir para os estudantes olharem o caso com amor. Embora esse exemplo tenha sido usado pela participante para mostrar que ela consegue separar suas crenças pessoais da sua prática profissional, pode-se notar que, ao dizer que a Psicologia não seria capaz de atuar em uma situação de morte eminente de um paciente e que, neste contexto, a religião seria capaz de agir de forma mais adequada, a participante estabelece erroneamente uma delimitação para atuação da própria Psicologia, desconsiderando que se trata de uma área da ciência que estuda a subjetividade e o comportamento humano em todas as instâncias da vida.

Além de estabelecer uma limitação equivocada para a prática da Psicologia, a participante também se considera impedida de falar sobre religião, entretanto não se trata de um impedimento, mas sim de uma forma de não induzir o paciente (ou os alunos) a crenças que não pertencem a ele ou fugir do âmbito de atuação em Psicologia. Se ela sugerisse a inserção de qualquer religião nesse contexto, ela estaria infringindo o item dois do artigo 3º da resolução 07/2023 do CFP mencionado acima. Zangari e Machado (2016) mencionam que em situações em que o psicólogo se sente impelido a usar recursos de sua própria religião na prática profissional, o ideal a fazer seria rever imediatamente suas próprias práticas e limites de atuação, pois não se trata de um recurso condizente com a profissão.

Da mesma forma que não é permitido induzir ao paciente crenças religiosas, também é importante notar se o paciente é adepto ou rejeita alguma religião e, acima de tudo, tratá-lo sempre com respeito. **PF9**, por exemplo, relatou que em sua prática profissional ela já havia vivenciado muitas situações em que a religião se fez presente. Ela menciona que mesmo não se considerando uma entendedora de PR, ela procura, na medida do possível, compreender a

demanda do paciente e promove um atendimento condizente com as suas necessidades. Embora considere que na maioria das vezes a religião é vista como algo positivo no tratamento, ela comentou que houve uma situação em que um paciente negou um atendimento psicológico porque julgava que aquele atendimento teria cunho religioso. Não há detalhes sobre o que levou o paciente a pensar que o atendimento psicológico poderia ser um atendimento religioso; a participante apenas mencionou que foi preciso conversar com o paciente sobre como seria o atendimento, ressaltando a laicidade da profissão.

Os participantes também relataram situações em que se proibia abordar qualquer tema relacionado a religião durante a graduação. O primeiro relato foi de **PF1** logo no início da entrevista quando mencionou que em sua graduação as disciplinas que tratavam de algum tema relacionado a religião eram editadas para que não houvesse nenhum tipo de reflexão sobre a temática. Ela diz que os professores diversas vezes falavam que os estudantes seriam cientistas e não religiosos.

A falta de uma preparação formal que abordasse temas da PR foi sentida na atuação profissional da participante **PF1**. Ela disse que teve contato na prática da profissão com alguns pacientes que traziam demandas relacionadas a questões religiosas e que percebia que tais demandas não eram tratadas como deveriam ser pelas instituições e/ou demais profissionais que atendiam tais pacientes. Ela também menciona que mesmo sem preparo formal em PR, ela buscava formas de melhor atender seus pacientes.

Além de relatar sobre sua graduação, **PF1** também contou que foi proibida de falar sobre religião durante a docência em uma instituição de ensino. Ela não poderia abordar qualquer tipo de assunto que pudesse fazer referência a religião e, em alguns momentos, ao ser questionada pelos alunos sobre a sua religiosidade, ela era obrigada a negar sua própria religiosidade para não dar abertura para discussões. Essa situação, embora seja atual, se assemelha ao cenário vivido pela docente em sua graduação há cerca de vinte anos. Isso

mostra que até nos dias de hoje, algumas instituições ainda não compreendem a importância de se considerar elementos relacionados à dimensão religiosa como constituinte da subjetividade do indivíduo. Este é um exemplo típico de posição extrema de negação do tratamento da temática, uma polarização, tal como ressaltado por Zangari e Machado (2018; 2022)

Assim como a participante **PF1** relatou que sente uma defasagem profissional proveniente da falta de conhecimentos relacionados a PR, provavelmente os seus estudantes que foram impedidos de obter conhecimento em PR também poderão sentir essa defasagem na prática profissional. Mesmo tendo recursos disponíveis para se obter conhecimento de forma independente, é fundamental que sejam realizadas discussões do tema na formação em Psicologia.

As situações mencionadas acima estão alinhadas com Paiva e Freitas (2020) ao constatarem que a inserção da PR nas instituições de formação profissional em Psicologia enfrenta algumas situações conflituosas que de alguma maneira atuam como obstáculos para a promoção do campo. Os principais conflitos estão relacionados a polarizações entre: religiosidade e laicidade do Estado; posições religiosas e posições científicas no trato de tópicos específicos como homossexualidade, aborto, questões de gênero, valores, postura ética e direitos humanos. Para superar esses conflitos é necessário promover mais discussões sobre PR, ou seja, a melhor maneira de diminuir os obstáculos que dificultam a abordagem da PR no contexto acadêmico é criar mais oportunidades para se falar mais sobre PR.

Conforme mencionado no capítulo 1, uma pesquisa desenvolvida por Piasson (2017) mostrou que no Brasil ainda é baixo o número de cursos de graduação em Psicologia que possuem em sua grade oficial disciplinas relacionadas à PR. Essa situação relatada por **PF1** revela que entre essas instituições de ensino que não possuem disciplinas relacionadas à PR

pode haver instituições que também proíbem qualquer tipo de manifestação relacionada a essa temática.

Outro tipo de situação que também foi relatada pelos participantes diz respeito a ocasiões em que a PR esteve presente, mas não foi percebida.

Aparentemente para alguns participantes falar sobre PR era algo novo e o convite para participar da pesquisa provocou reflexões sobre a sua vida pessoal e profissional. **PF8**, por exemplo, mencionou que nunca havia pensado nas possíveis relações da Psicologia com a religião e participar da entrevista a fez pensar na sua prática profissional. Quando perguntada se já havia sido questionada sobre religiosidade, ela respondeu que nunca havia sido questionada sobre tal conceito, mas mencionou que embora não tivesse sido em sala de aula propriamente dita, ela coordenava um grupo de estudo em Psicanálise em que houve algumas reflexões sobre religiosidade durante as leituras de Freud. Em outro momento, ela também mencionou que percebeu desconforto dos alunos evangélicos para estudar a Psicanálise como forma ateísta de lidar com o sofrimento provocado pelas instituições religiosas.

O participante **PM4** também comentou que precisou refletir se a PR estava presente na sua prática profissional. Ele mencionou que havia trabalhado textos em sala de aula que ele acreditava estarem relacionados à PR, porém não tinha certeza disso. Vale mencionar que o resultado da pesquisa documental mostrou que temas da PR constavam apenas no plano de aula da disciplina Fenomenologia e esse plano de aula foi fornecido pelo participante **PM4**. Dessa forma constata-se que a presença da PR nem sempre é percebida pelos docentes, ou seja, algumas situações relacionadas a PR podem não ser identificadas com clareza ou até mesmo ignoradas.

Outro exemplo foi trazido por **PF3** durante o relato de seu percurso na Psicologia. Logo no começo de sua atuação como psicóloga, ela se deparou com situações em que a

religião e a Psicologia se misturavam e a Psicologia não cuidava para delimitar o seu espaço ou não considerava que a religião estava presente dentro do contexto em que as pessoas atendidas estavam inseridas. Quando fala isso, ela se refere a um período em que estagiou em uma instituição que abrigava menores infratores e, como parte da rotina dessa instituição, os menores eram obrigados a fazer rituais religiosos. Embora tivesse interesse em fazer algo diferente, naquele momento a sua atuação como psicóloga era limitada e ela não tinha permissão para intervir nessa situação¹¹. Diante disso, ela reconheceu que a religião exercia um papel muito forte e decisivo naquele contexto, mas que de alguma forma a Psicologia precisaria reconhecer isso e, a partir desse reconhecimento, construir um diálogo entre os dois campos.

Os relatos trazidos pelos docentes nas entrevistas mostram situações diversas em que a PR se apresenta no contexto acadêmico ou profissional. É importante notar que a PR pode se manifestar em diferentes contextos e pode estar relacionada aos docentes, aos alunos e/ou aos pacientes atendidos.

Mesmo que temas da PR tenham sido percebidos em muitas situações, ainda pode-se notar situações que a PR ainda não é compreendida, percebida ou até mesmo negada. Dessa forma, é preciso promover mais discussões sobre mais assuntos relacionados à temática para que sua presença seja cada vez mais efetiva.

2. Conhecimento, preparo, despreparo, desconforto e resistência

¹¹ Vale observar que, embora possa não ser de conhecimento da participante, esse tipo de conduta fere os princípios dos Direitos Humanos e é considerado, a rigor, dever de profissionais da Psicologia denunciar tais práticas. Caso não o faça, o psicólogo poderá ser considerado conivente com elas, ferindo seu código de ética profissional, em casos de representações/denúncias contra a instituição:

“Art. 3º – O psicólogo, para ingressar, associar-se ou permanecer em uma organização, considerará a missão, a filosofia, as políticas, as normas e as práticas nela vigentes e sua compatibilidade com os princípios e regras deste Código.

Parágrafo único: Existindo incompatibilidade, cabe ao psicólogo recusar-se a prestar serviços e, se pertinente, apresentar denúncia ao órgão competente.” (Código de Ética Profissional do Psicólogo, CFP, 2005)

O objetivo das discussões apresentadas aqui é ponderar como os docentes entrevistados se relacionam com a PR, incluindo suas percepções sobre o campo, seu preparo ou despreparo para lidar com a temática, possíveis desconfortos e resistências para abordar assuntos relacionados à PR. Algumas situações mencionadas anteriormente serão apresentadas novamente aqui, porém dessa vez o intuito é focar a reação ou o modo de atuação do participante no contexto relatado.

O primeiro ponto a ser discutido é o fato de alguns participantes terem demonstrado dificuldades para identificar a PR na sua prática profissional. **PF8**, por exemplo, mencionou que só soube que já havia discutido PR com os estudantes de Psicologia quando refletiu sobre a temática e percebeu que os textos de Freud que abordavam religiosidade eram pertinentes à PR. **PM4** também não sabia que os textos trabalhados por ele em sala de aula sobre religiosidade também seriam pertinentes à PR e muito menos que a PR estaria presente no plano de aula da disciplina que leciona. No caso de **PM4**, o participante utilizou a pergunta 14 (pergunta aberta destinada a dúvidas, comentários, sugestões etc.) para perguntar o que seria a PR. O participante **PM2** também usou a pergunta 14 para pedir esclarecimentos sobre o que seria a PR. O fato de os três docentes não saberem o que seria a PR indica que essa área de estudo ainda não é conhecida para alguns psicólogos. Outros docentes manifestaram conhecer a PR, porém não se consideravam entendedores da área.

Conforme apresentado no capítulo 1, a PR não é um campo de estudo novo da Psicologia. Entretanto, assim como mencionado por Belzen (2009), muitos profissionais da área ainda não conhecem ou sabem identificar os possíveis diálogos ou conexões que podem existir entre Psicologia e Religião. Lembrando que o autor define que as conexões e diálogos podem ser classificados em quatro categorias: 1) a serviço da própria religião (*Ancilla*), como por exemplo, os atendimentos psicológicos de pessoas ligadas à igreja, ou o uso da Psicologia para o aperfeiçoamento de pregações; 2) como crítica da religião (*Crítica*), questionando de

forma negativa os elementos ou ações de uma determinada religião sem se importar com as consequências; 3) como ciência (*Scientia*) servindo para estudar, analisar, investigar metodologicamente o comportamento religioso; 4) como crítico que busca respostas para suas perguntas e busca maneiras de melhorar seu desempenho (*Crítico musical*).

Antes de começar a falar sobre a PR no contexto da graduação, buscou-se também levantar informações que pudessem interferir de alguma maneira nas opiniões dos participantes sobre a temática. Por exemplo, saber se o participante é adepto de alguma religião pode ajudar a compreender se ele tem alguma resistência para discutir PR em sala de aula. Da mesma maneira, saber se ele possui um conhecimento mínimo em PR pode ajudar a compreender se ele se sente preparado para lidar com demandas relacionadas a temas de PR trazidos por alunos.

Todos os participantes que se declaram não adeptos a uma religião afirmaram ter interesse em conhecer mais sobre PR. Os dois únicos participantes que não manifestaram interesse em conhecer mais sobre a PR se declararam adeptos a alguma religião (**PF3 e PF7**). Mesmo não declarando interesse em conhecer mais sobre a PR, estes dois participantes consideraram importante falar sobre PR na graduação.

Embora todos os participantes tenham considerado importante falar sobre PR na graduação, nem todos se sentem preparados para lidar com demandas relacionadas ao campo ou promover discussões com os estudantes. Os participantes que se sentem preparados atribuem isso a esforços pessoais por meio de leituras de materiais diversos ou decorrente da experiência adquirida na prática profissional.

O fato de os participantes declararem que buscam conhecimento sobre PR de forma independente vai ao encontro da necessidade de entidades relacionadas à Psicologia de publicar materiais que orientam a conduta de psicólogas (psicólogos) no manejo clínico de demandas relacionadas à PR. Conforme mencionado no capítulo 1, entidades como o

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP), por exemplo, reconhecem que há uma lacuna na formação em Psicologia por não se abordar PR e, pensando nessa lacuna, em 2014 o CRP-SP lançou *Psicologia, laicidade, espiritualidade, religião e os saberes tradicionais: referências básicas para atuação profissional* e em 2016, a Coleção de três volumes intitulada *Psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade* (CRP, 2016a, 2016b, 2016c). Outros materiais semelhantes a esse foram publicados por outras entidades.

PF1 e PF9 declararam que não se sentem preparadas para lidar com demandas relacionadas à PR. Entretanto, em suas justificativas notou-se que ambas já lidaram com tais demandas e que não se sentem preparadas porque sempre pode surgir algo diferente. A sensação de despreparado relatada por **PF1** e por **PF9** demonstra que o campo da PR é vasto e dinâmico o que corrobora a reflexão de Belzen (2009) sobre a inviabilidade de definir ou delimitar a PR de forma rígida e restrita, sendo o ideal considerá-la como algo que possa ser moldado em decorrência das interações do ambiente em que estiver inserida. Lembrando que, embora não seja aconselhado atribuir uma definição rígida a PR, conforme apresentado por Zangari & Machado (2016), o campo possui diretrizes para uma atuação profissional adequada.

Alguns participantes declararam que se sentem desconfortáveis para abordar o tema e outros declaram que temem o desconforto dos alunos. Foi investigado se a falta de preparo para lidar com assuntos relacionadas à PR poderia se relacionar com a sensação de desconforto para lidar com tema relatado por estes participantes. De forma direta **PM2** atribuiu o seu desconforto para lidar com a temática à falta de preparo e conhecimento sobre a área. Note-se que, quando questionado se se sentia preparado para lidar com demandas relacionadas à PR, o participante declarou que sim, pois havia buscado de forma

independente o conhecimento sobre campo, ou seja, mesmo se sentindo preparado, o participante se sente desconfortável.

PF3, PM4 e PF7 declararam que nunca sentiram desconforto ou perceberam algum desconforto nos alunos para falar sobre religião, religiosidade ou temas relacionados à PR. Estes três participantes também declararam que se sentiam preparados para lidar com demandas relacionadas à PR. Quatro participantes (**PF1, PM6, PF8, PF10**) relataram terem notado desconforto por parte dos alunos, principalmente nos alunos que eram adeptos a alguma religião e declararam que já perceberam desconforto nos alunos para falar sobre os temas. **PF1 e PM6** aproveitavam situações que o temas relacionados à PR emergem para discutir o tema. **PM5 e PF9** declaram que já se sentiram desconfortáveis e já perceberam o desconforto nos alunos para abordas tais temas.

De acordo com os resultados notou-se que abordar temas relacionados à PR pode ser desconfortável até mesmo para participantes que se sentem preparados para lidar com demandas relacionadas ao tema. Isso acontece porque o campo envolve tanto questões relacionadas aos docentes quanto a questões particulares dos estudantes.

Além do desconforto para se abordar temas da PR com os estudantes alguns participantes relataram que sentiram (ou temiam sentir) algum tipo de resistência por parte dos alunos quando os temas emergiram durante as aulas. **PM2** por exemplo, mencionou que evitava falar sobre religião porque tinha receio de algum aluno autodeclarado religioso ou adepto de alguma religião pudesse demonstrar alguma resistência. **PF8** mencionou que os alunos mais religiosos apresentavam desconforto ou resistência para pensar na psicanálise sem uma visão teísta. **PF10** mencionou que percebia que os alunos evangélicos não gostavam de falar de outras religiões. **PF1** mencionou que já chegou a mediar um conflito entre dois grupos de alunos que pertenciam a religiões diferentes. **PF10** declarou que não promove discussões sobre tais assuntos porque percebe a resistência dos alunos para falar sobre o tema.

Os relatos mencionados acima evidenciam a necessidade urgente de se inserir a PR no contexto da graduação. Apresentar e discutir PR com os estudantes os ajudará a reduzir e evitar os conflitos e resistências que hoje se fazem presentes. Alguns docentes relataram que, mesmo notando a resistência ou desconforto dos alunos, eles aproveitavam situações conflituosas para promover mais discussões em torno dos assuntos que emergiram e com isso, de maneira profissional e didática, eles conseguiam mostrar aos estudantes o quanto era importante entender e resolver o problema que eles estavam enfrentando.

Esses dados vão ao encontro dos resultados obtidos por Ancona-Lopes (2022), que analisou 16 trabalhos de pós-graduação (13 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado) orientados por ela com temáticas relacionadas a religião e a prática da Psicologia, incluindo o período da graduação. A pesquisa apontou que em diversas situações os alunos eram proibidos de falar sobre suas religiões ou tinham suas crenças ridicularizadas pelos docentes, fazendo que estes se afastassem de suas próprias experiências, causando sofrimento. Em suas considerações, a autora enfatiza que as teorias vistas nos cursos de Psicologia reverberam na vida dos alunos e estes precisam se apropriar do que estudam sem desconsiderar o que são.

Outro fato relevante que foi trazido por **PF9** na entrevista diz respeito ao receio de sofrer preconceito ou a vergonha que alguns estudantes demonstraram sobre a sua própria religiosidade. A participante disse que alguns estudantes tinham medo de serem julgados ou discriminados pelos professores ou por colegas de turma por conta da religião que eram adeptos. Esse fato demonstra que ainda há mal-entendidos e preconceitos em torno da relação entre Psicologia e Religião. Assim como relatado por **PF1** – que durante a sua graduação na década de 1990 os professores eram proibidos de falar sobre religião e diziam aos alunos que eles seriam cientistas e não religiosos – o receio dos alunos relatado por **PF9** demonstra que essa ideia com a qual teve contato na década de 1990 pode ainda existir na

graduação atualmente. Machado e Zangari (2016), consideram que a omissão, negligência e o silenciamento da Psicologia mediante as experiências religiosas contribuiu para que temas relacionados a religiosidade não fossem considerados como objeto de estudo da área, abrindo espaço para que a temática fosse apropriada e, algumas vezes, usada de forma indevida por outras áreas não relacionadas à ciência, possibilitando inclusive a criação de conteúdos falaciosos e/ou deturpados que poderão ser utilizados como instrumentos de manipulação da sociedade.

Diante desses relatos, constata-se que não é fácil para os docentes falar sobre religiosidade no contexto acadêmico, entretanto, a maioria deles sabe o quanto é necessário falar sobre isso. Espera-se que os docentes preparem os estudantes para a prática profissional, porém em algumas situações eles se deparam com situações com as quais eles não foram preparados para lidar. Os relatos apresentados mostraram que, mesmo de forma independente, eles encontram maneiras de oferecer para os alunos os conhecimentos que eles não tiveram, mesmo que isso possa gerar desconfortos e resistências. A maioria dos docentes entende que a melhor maneira de amenizar os conflitos e mal-entendidos em torno da temática é promovendo discussões e reflexões.

3. Importância e temas da PR

As discussões apresentadas aqui têm como objetivo mostrar os temas de PR que emergiram durante o desenvolvimento desse trabalho e por quais motivos os participantes consideram importante levar a temática para o contexto da graduação em Psicologia. No capítulo 1, foram apresentados alguns motivos para se abordar PR na graduação e alguns temas que foram abordados em pesquisas científicas relacionadas à área. Os motivos e os

temas apresentados pelos entrevistados complementam e ilustram as informações já expostas anteriormente.

Todos os participantes consideraram importante falar sobre religião na graduação em Psicologia. Vale lembrar que até os participantes **PF3** e **PF7** que declararam que não tinham interesse em conhecer melhor a PR, consideram importante abordar o tema na graduação. A maioria dos participantes justificou sua resposta mostrando-se preocupada com a preparação do estudante para atender os pacientes em sua prática profissional. **PF1**, por exemplo, justificou sua resposta dizendo que não teve nenhuma discussão sobre o tema durante a sua graduação e que sente que essa lacuna interfere na sua prática profissional. Somente o participante **PF3** considerou a PR importante para dar condições para os estudantes aprenderem a lidar e compreender a sua própria religiosidade. **PM2** e **PF7** consideram importante discutir o tema para combater os tabus, preconceitos e mal-entendidos a respeito deste.

Embora somente **PF3** tenha mencionado explicitamente que um dos papéis da PR seria dar condições para que o estudante lidasse com a sua própria religiosidade, esse assunto foi trazido por outros participantes durante a entrevista, principalmente se pensarmos nas situações que os participantes relataram sobre os desconfortos sentidos pelos alunos que se declaravam adeptos de alguma religião. Vale lembrar também do relato de **PF10** sobre como foi importante para ela conseguir conciliar a sua religiosidade e sua prática profissional. Seu relato traz um momento que viveu justamente quando era estudante de Psicologia.

PF3 relatou que durante seu percurso na Psicologia se deparou com situações em que a religião e a Psicologia se misturavam e a Psicologia não cuidava para delimitar o seu espaço ou não considerava que a religião estava presente dentro do contexto em que as pessoas atendidas estavam inseridas. Ela menciona isso quando relata sua experiência como psicóloga

de uma instituição total¹² que abrigava menores infratores. Naquele contexto, os menores infratores eram obrigados a praticar rituais religiosos sem compreender o significado ou motivo de tal prática. Eles apenas seguiam as regras impostas pela instituição. Diante disso, ela também considera que a religião tem um papel muito forte e decisivo em alguns contextos e a Psicologia precisa reconhecer isso e a partir desse reconhecimento construir um diálogo entre os dois campos. **PF3** também menciona a presença da religião no atendimento clínico e questões relacionadas à intolerância religiosa.

Alguns participantes consideram importante abordar a PR no contexto acadêmico devido a sua abrangência e diversidade de temas. **PM2**, por exemplo, diz acreditar que o campo seja composto por diversos autores e leituras interessantes. **PM5** considera importante falar sobre PR porque a religiosidade faz parte da formação subjetiva do indivíduo e por isso deve-se abordar a temática na formação em Psicologia. Seguindo essa mesma linha, **PF8**, considera importante a PR para compreender melhor o ser humano e pensar no sofrimento que pode surgir decorrente de questões religiosas. **PM6** menciona que tem interesse na PR por motivos pessoais e profissionais. Ele explica que durante a prática da docência se manifestam alguns atravessamentos pessoais relacionados a religião e conhecer melhor a PR ajudaria lidar com tais atravessamentos. **PF8** considera um tema espinhoso que merece ser mais estudado. **PF3** acredita que discutir a PR colabora para ampliação de pensamento e redução do preconceito. **PF9** classifica como importante compreender melhor a relação da sociedade com a religião e reforça a necessidade de a Psicologia olhar para esse fato.

De forma resumida, os participantes consideram a PR importante:

- Para preparar os estudantes para a prática profissional;

¹² Instituição total representa um lugar em que a pessoa mora e realiza todas as atividades do dia a dia, como dormir, comer, tomar banho etc. não tendo contato com o ambiente externo à instituição.

- Para dar condições para os estudantes aprenderem a lidar com a própria religiosidade e atravessamentos provenientes da relação Psicologia e religião;
- Porque a religiosidade faz parte da formação subjetiva do indivíduo e por isso deve-se abordar a temática na formação em Psicologia;
- Para combater tabus, preconceitos e mal-entendidos sobre a temática;
- Por ser uma área de estudo abrangente e com temas diversificados;
- Para compreender melhor o ser humano e pensar no sofrimento que pode surgir decorrente de questões religiosas;
- Para compreender melhor a relação da sociedade com a religião e reforçar a necessidade de a Psicologia olhar para esse fato.

Com relação aos temas de PR que emergiram durante o desenvolvimento desse trabalho, nota-se que na maioria das vezes, eles se relacionam com os motivos para se abordar a PR no contexto acadêmico ou assuntos que os participantes da entrevista têm interesse para se aprofundar ou conhecer melhor. **PM2** utilizou a pergunta destinada a dúvidas e sugestões para manifestar que a temática precisa ser mais discutida no contexto acadêmico, pois muitos conceitos não são conhecidos por ele. Para completar, ele fez questionamentos que podem ser transformados em temas: O que é a fé e o que é a religião? O que é a religiosidade? O que é espiritualidade? Qual a relação do ser humano com Deus? Qual a função simbólica ou emocional do ateísmo? Como é que funciona um psicólogo religioso? O que se extrai de saber na religião e o que pode servir para a Psicologia? O participante utilizou em sua pergunta o termo “psicólogo religioso”. A utilização desse termo não é correta porque remete à ideia de que o psicólogo utiliza elementos religiosos em sua prática profissional. Ao usar esse termo, o participante evidencia seu não conhecimento da área. Diante disso, após a pergunta foi explicado a ele que o termo não era adequado.

O uso incorreto desse termo também pode estar relacionado à falta de entendimento dos profissionais de Psicologia sobre o que pertence ao campo de estudo da PR. **PF3**, por exemplo, mencionou a confusão proveniente da falta de delimitação e o entendimento da Psicologia e da religião. Ela sugere que seria interessante que tais áreas se apresentassem como distintas, porém ligadas e que isso melhorará na medida em que mais estudos e mais discussões forem sendo promovidas.

Este trabalho também investigou se os estudantes manifestavam interesse em realizar pesquisas sobre a PR durante a graduação. Para isso foi feita uma pergunta direcionada à orientação de trabalhos de conclusão de curso. Somente um participante (**PM6**) declarou já ter orientado um trabalho sobre um tema relacionado à PR e, mesmo assim, não foi um trabalho exclusivo sobre a PR. Foi um trabalho sobre pessoas idosas e um dos tópicos abordados foi espiritualidade. Dessa forma, pode-se constatar que a temática não é pesquisada com frequência pelos estudantes. O baixo número de pesquisas sobre a temática pode ser explicado pelo fato de a área ser pouco conhecida.

Os temas que emergiram foram:

- Diálogos entre Psicologia e Religião
- Intolerância religiosa
- Presença da religião no atendimento clínico
- Apresentação e conceituação de PR
- A relação do ser humano com Deus
- Função simbólica ou emocional do ateísmo
- O que se extrai de saber na religião e o que pode servir para a Psicologia
- A religiosidade dos alunos de Psicologia
- O sofrimento que pode surgir decorrente de questões religiosas

- A relação da sociedade com a religião e a necessidade da Psicologia olhar para esse fato

Para finalizar, eu gostaria de mencionar que alguns participantes me perguntaram sobre o porquê eu havia escolhido estudar Psicologia da Religião. Eles justificaram a pergunta dizendo que não era comum falarem sobre essa área e o convite para participar da pesquisa causou estranhamento.

Em minha resposta eu expliquei que o meu interesse pela área surgiu quando eu percebi que ela abordava assuntos que eu considero relevantes para compreender o ser humano e ela não recebia a atenção adequada da Psicologia. Meu interesse é justamente torná-la uma área mais conhecida e difundida no meio acadêmico.

Com as discussões apresentadas nas categorias 1, 2 e 3 apresentadas é possível compreender melhor como a Psicologia da Religião se manifesta no contexto da graduação em Psicologia, tendo como referência os relatos trazidos por docentes entrevistados. Diante dos dados coletados e a partir de sua análise, pode-se concluir que a PR está presente em situações diversas, porém seu entendimento ainda é muito superficial. Ao mesmo tempo que os docentes não se consideram preparados para lidar com as demandas relacionadas à PR, eles buscam recursos de forma independente para conseguir oferecer aos estudantes os conhecimentos que consideram necessários e com isso reduzir possíveis lacunas da prática profissional. Todos os participantes apoiaram a realização desse trabalho e acreditam que é preciso desenvolver mais trabalhos como este para fortalecer a área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos obtidos por meio desta pesquisa mostraram que a PR está presente na docência em Psicologia, porém, na maioria das vezes, ela aparece de maneira informal por meio de questionamentos ou demandas trazidas por alunos ou por meio de estudo de casos clínicos de pacientes atendidos no estágio acadêmico.

Houve também relatos de resistência para se abordar o tema durante a docência devido à falta de compreensão, preconceitos ou tabus relacionados a este.

Os docentes entrevistados demonstraram interesse e necessidade de conhecer mais sobre a PR, pois isso trará ganhos para a prática profissional deles e trará também um melhor entendimento sobre suas próprias questões religiosas.

Os entrevistados também relataram experiências conflituosas entre a religião e a Psicologia que tiveram durante a sua formação ou prática acadêmica. Dessa forma pode-se perceber que a falta de discussões sobre PR também impacta na preparação acadêmica.

Os docentes apontaram ser importante e necessário promover espaços para se discutir sobre PR no contexto acadêmico e com isso contribuir para a formação de profissionais aptos a compreender aspectos psicossociais relacionados com a religiosidade e sua participação ativa na constituição psíquica do indivíduo.

Com a análise dos dados encontrados, notou-se a necessidade de realização de outras pesquisas que visem expandir os conhecimentos relacionados à área. Alguns temas pertinentes ao campo da PR emergiram durante o desenvolvimento deste trabalho. Todos os temas foram apresentados no capítulo anterior a este, porém gostaria de citar como destaque a religiosidade dos estudantes de Psicologia e a intolerância religiosa.

A religiosidade dos estudantes foi um tema trazido em diversos momentos dessa pesquisa e que considero que a PR precisa aprofundar mais. A própria resolução 07/2023 do CFP não deixa clara a necessidade de se abordar esse tema.

Considero também como destaque abordar a temática da intolerância religiosa. Quando penso em intolerância religiosa, eu penso nos conflitos que se manifestam atualmente no mundo. Posso pensar no preconceito direcionado a certas religiões (como por exemplo religiões de matrizes africanas ou muçulmanas), posso pensar na política que utiliza como argumentos de poder questões relacionadas à religião, como eu posso pensar também na guerra entre Israel e Palestina, que além de ser uma briga territorial é uma guerra que envolve questões religiosas. Eu não estou dizendo que a PR seria capaz de acabar com esses conflitos, mas considero que a PR possa contribuir para reduzir o sofrimento gerado por eles.

Abordar questões relacionadas à intolerância religiosa também vem sendo uma preocupação dentro do ambiente corporativo. Diante do contexto de guerra vivido atualmente entre israelenses e palestinos, algumas empresas estão promovendo cursos ou palestras com o intuito de diminuir o preconceito ou qualquer tipo de discriminação dentro do ambiente corporativo.

Eu, particularmente, tenho interesse em desenvolver trabalhos relacionados à intolerância religiosa, pois considero que este assunto está ligado à causa e manutenção de sofrimentos tanto individuais como sociais. Eu acredito que a religião pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento social e individual, entretanto, situações em que se percebe qualquer indício de intolerância religiosa, preconceito e discriminação, me fazem questionar se os impactos ou a influência da religião na vida do indivíduo ou na sociedade são realmente positivos ou em que medida são negativos.

Além da intolerância religiosa, eu também tenho particular interesse em pesquisar sobre a influência de instâncias religiosas na vida de uma pessoa e da sociedade. Por exemplo,

eu gostaria de investigar se a religião é considerada um fator determinante de tomada de decisões de vida tais como escolher uma instituição de ensino ou escolher um candidato político. Essa informação pode ser usada como forma de manipulação da sociedade? Quais são as influências religiosas explícitas e implícitas? Acredito que pesquisando eu encontrarei respostas para estes questionamentos.

Como pode ser visto, a PR é uma área diversa e abrangente, porém ainda pouco explorada no campo acadêmico brasileiro, especialmente considerando a formação em Psicologia. Espero que este trabalho sirva como inspiração e referência para que sejam desenvolvidos outros trabalhos da área.

REFERÊNCIAS

- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e Ciências Humanas: Psicologia, história e religião*. EDUSC.
- Anaconda-Lopez, M. (2022). *Psicólogos e Experiências Religiosas: conflitos e enfrentamentos*. Editora CRV
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Belzen, J.A. (2009). *Psicologia Cultural da Religião: Perspectivas, Desafios, Possibilidades*. *REVER: Revista de Estudos da Religião*. (pp 1-29). PUC-SP.
- Belzen, J.A. (2013). A inclusão dos excluídos?: Um paradoxo na historiografia da Psicologia da Religião. Ano 2. Número 1. *Multitextos*. PUC-RJ (Trabalho original publicado em 1997).
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). Código de Ética Profissional do Psicólogo <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-Psicologia.pdf>
- Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP-MG). Comissão de Orientação em Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais CLEROT. (2023). *I Congresso Mineiro Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais: Anais*. CRP-MG.
- Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP-MG). Comissão de Orientação em Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais CLEROT. (2023). *I Congresso Mineiro Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais: reflexões contemporâneas*. CRP-MG
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) (2014). *Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e os Saberes Tradicionais: Referências Básicas para Atuação Profissional*. CRP-SP.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) (2016). *Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Vol. 1 - Laicidade, religião, direitos humanos e políticas públicas*. CRP-SP.

- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) (2016). *Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Vol. 2 - Na fronteira da Psicologia com os saberes tradicionais: Práticas e técnicas*. CRP-SP.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) (2016). *Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Vol. 3 - Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias não-hegemônicas*. CRP-SP.
- De Oliveira, L. P., Serur, G., Michel, R. B., & Esperandio, M. R. G. (2019). A formação acadêmica para a integração da religiosidade/espiritualidade na prática do psicólogo. *Psicologia Argumento*. [S.l.], v. 37, n. 96, p. 167-183. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.37.96.AO02>.
- Esperandio, M. R. G., Zangari, W., Freitas, M.H., Ladd, K.L (2019). *Psicologia cognitiva da religião no Brasil: Estado atual e oportunidades futuras*. Editora CRV.
- Freitas, M. H. de; Piasson, D. L. (2017) Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em Psicologia. Ano 5 n. 8, p. 103-112. Esferas.
- Flournoy, T. H. (1903) *Les principes de la psychologie religieuse*. Williamsand Norgate.
- Freud, S. (2013). Totem e Tabu. In *Sigmund Freud. Obras Completas* (vol. XI). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913.).
- Koenig, H. G. (2012). Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical Implications, *International Scholarly Research Notices*, vol. 2012, Article ID 278730, 33 pages. <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Machado, F. R., Piasson, D. L, & Michel, R. B. (2019). Mapeamento da Psicologia da Religião no Brasil. In: M. R. G. Esperandio, W. Zangari, M. H. Freitas, & K. L. Ladd (Orgs.). *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: estado atual e oportunidades futuras* (pp 41-71). Editora CRV.
- Machado, F. R., & Zangari (2016). Omissões da Psicologia, territórios colonizados: Experiências anômalas, interpretações religiosas e atuação do psicólogo. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) *Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Vol. 1 - Laicidade, religião, direitos humanos e políticas públicas*. (pp. 243-247). CRP-SP.
- Machado, F.R., & Zangari, W. (2021) Experiências anômalas/religiosas e Psicologia Anomalística: Implicações e manejo. In: L. O. Alminhana, A. Ponzoni, J. G. Serra, &

- B. F. Carunchio, (Orgs.). *Experiências espirituais & prática clínica. O que profissionais da saúde devem saber?* (Vol. 1 Reflexões e bases conceituais. Início de conversa pp. 39 – 76). KDP-Amazon.
- Martins, L. B., Maraldi, E.O, Zangari, W., & Machado, F.R. (2020). Por uma interpretação psicossocial do fanatismo: a dinâmica em “espiral ascendente de complexidade”, os processos identitários e os processos cognitivos intuitivo e contraintuitivo. In: W. Zangari, G. M. Massola, & N. Silva Junior (Orgs.). *Violência, intolerância, fanatismo – perspectivas psicossociais* (pp 169 – 174). Editora CRV.
- Oliveira, Larissa Priscila de et al. (2019) A formação acadêmica para a integração da religiosidade/espiritualidade na prática do psicólogo. *Psicologia Argumento* v. 37 n. 96, p. 167-183. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.37.96.AO02>
- Paiva, G. J., Zangari, W., Verdade, M. M., Paula, J. R. M., Faria, D. G. R., Gomez, D., Fontes, F., Rodrigues, C. C. L., Trovato, M. L., & A. M. de A. (2009). Psicologia da Religião no Brasil: A produção em periódicos e livros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 25 (3) (pp 441-446). <http://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300019>
- Paiva, G. J. (2017) Psicologia Acadêmica da Religião no Brasil: história e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, vol 9. Núm 1, (pp 31-48). <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS02>
- Paiva, G. J., & Freitas, M. H. (2019) História, estado atual e perspectivas da Psicologia da Religião no Brasil. In: M. R. G. Esperandio, W. Zangari, M. H. Freitas, & K. L. Ladd (Org.), *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: estado atual e oportunidades futuras* (pp 22-39). Editora CRV.
- Paula, P. & Marques, T. G. (2023) A importância da Psicologia da Religião na formação Acadêmica de psicólogos. In *I Congresso Mineiro Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais: Anais*. (pp 37-44). CPR-MG
- Pereira, K.C.L & Holanda, A.F. (2019) Religião e Espiritualidade no curso de Psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. *Interação em Psicologia*. Vol. 23. N.02. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.65373>
- Pereira, K. C. L.; Holanda, A. F. (2016) Espiritualidade e religiosidade para estudantes de Psicologia: Ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis Praxis, Teologia*

Pastoral, v. 8, n. 2, p. 385-413.
<https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.ds07>

- Piasson, D. L. (2017) O senso religioso na formação em Psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários. 81 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Zangari, W., & Machado, F. R. (2016). Os 10 mandamentos da exclusão metodológica do transcendente: Direitos humanos nas relações entre Psicologia, laicidade e religião. In: *Coleção Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade: Vol. 2. Na fronteira da Psicologia com os saberes tradicionais: Práticas e técnicas* (pp. 111- 114). CRP-SP
- Zangari, W, & Machado, F. (Orgs.) (2018) *Psicologia & Religião: histórico, subjetividade, saúde mental, manejo, ética profissional e direitos humanos*. Cartilha Virtual em PDF e áudio. <https://interpsi.org/cartilha/>
- Zangari, W., Martins. L. B., Alminhana, L. O., & De Medeiros, G. T. (2019). Porque acreditamos no sobrenatural: Atribuição religiosa na perspectiva da ciência cognitiva da religião. In: M. R. G. Esperandio, W. Zangari, M. H. Freitas, & K. L. Ladd (Orgs.), *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: estado atual e oportunidades futuras* (pp. 89-110). Editora CRV.
- Zangari, W., Massola, G. M., Silva Junior, N. (Orgs.). (2020). *Violência, intolerância, fanatismo – perspectivas psicossociais*. Editora CRV.
- Zangari, W, & Machado, F. (2022) *Fundamentos da Psicologia da Religião – Aspectos individuais e psicossociais. Coleção: Fundamentos da Psicologia Social*. Editora CRV.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Av. Prof. Mello Moraes, 1721 Cidade Universitária
São Paulo - SP CEP 05508-030 tel: (11) 3091-4460

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar da pesquisa “A Psicologia da Religião na formação em Psicologia: estudo a partir de documentos e relatos de docentes de disciplinas diversas”. Para participar, além de ler e compreender bem este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é preciso que você leia a declaração ao final deste texto e assine as duas vias deste documento, indicando que concorda com as condições para participação na pesquisa. Você ficará com uma das vias, que também será assinada pela pesquisadora, e ela ficará com a outra via.

A pesquisa tem como objetivo investigar a abordagem ou não da Psicologia da Religião (PR) na formação em Psicologia em cursos de graduação que não tenham disciplinas relacionadas especificamente a essa área.

Sua participação neste estudo consistirá em conceder à pesquisadora uma entrevista que será gravada e transcrita para posterior análise, de modo a contribuir para um conhecimento mais aprofundado das questões expostas acima. A entrevista – cuja duração é estimada em torno de 60 minutos – abordará questões relacionadas à presença ou não da Psicologia da Religião na sua atuação como docente do curso superior de Psicologia ou como supervisor do estágio acadêmico.

Sua colaboração é muito importante para ajudar a compreender se a Psicologia da Religião está presente na formação acadêmica de psicólogas e psicólogos. Com isso, será possível também perceber se é importante ou não ampliar os espaços de discussões sobre a temática no contexto acadêmico.

Ao concordar em participar desta pesquisa, você tem garantido que não constará nenhuma referência identificadora relacionada aos seus dados pessoais durante e após o término do estudo. A apresentação dos resultados em eventos acadêmico-científicos e artigo científico será feita de modo a zelar pelo sigilo quanto à identidade dos(as) participantes, sendo estes(as) referidos por nomes fictícios. Também será mantido sigilo quanto à instituição em que a pesquisa está sendo realizada a fim de resguardar o(a) participante e também para evitar futuras possíveis atribuições indevidas dos dados coletados por parte de quem tiver acesso à publicação desta pesquisa.

O conteúdo das entrevistas será direcionado ao levantamento de informações relacionadas à prática acadêmica e ao histórico de vida do entrevistado relacionado a temática. Dessa forma, corre-se o risco da manifestação inesperada de memórias que podem ocasionar algum desconforto ao entrevistado. Caso você se sinta psicologicamente incomodado(a)/afetado(a) com algum conteúdo que venha a emergir em função das questões tratadas na entrevista, você receberá assistência da pesquisadora (que é psicóloga, CRP 06/162665), com apoio de sua orientadora, do modo que for mais adequado de acordo com o caso.

Esteja ciente de que, se você concordar em colaborar com esta pesquisa, você não receberá compensação financeira. Esteja ciente também que você terá o direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalidade ou prejuízo.

Você tem o direito de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e após o término do estudo a respeito da metodologia de pesquisa, bem como a respeito dos possíveis resultados esperados e obtidos. Caso você tenha alguma dúvida sobre este estudo, poderá entrar em contato com a pesquisadora Paula Santos de Paula (ver dados abaixo), ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH), do Instituto de Psicologia da USP localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 Cidade Universitária – São Paulo/SP – 05508-030 Telefone: 3091-4182 cep.ip@usp.br

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisadora Responsável:

Paula Santos de Paula

Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - Instituto de Psicologia da USP Av. Prof. Mello Moraes, 1721 Cidade Universitária São Paulo - SP CEP 05508-030 tel: (11) 3091-4460

Orientadora: Prof. Dra. Fatima Regina Machado

E-mails para contato com a pesquisadora: paula.depaula@usp.br **Telefone:** (11) 94728-1207

_____/_____/_____
Assinatura da pesquisadora responsável *Local* *Data*

ATENÇÃO: Para participar, além de ler o texto acima, é preciso ler a declaração abaixo e assinalar se concorda com ela.

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DO(A) PARTICIPANTE

Declaro ter sido suficientemente informado(a) a respeito do estudo “A Psicologia da Religião na formação em Psicologia: estudo a partir de documentos e relatos de docentes de disciplinas diversas”, tendo compreendido bem as condições de participação. Concordo voluntariamente em participar desse estudo, estando ciente de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos.

Nome completo do(a) participante:

RG: _____ **CPF:** _____

____/____/____

Assinatura do(a) participante

Local

Apêndice B - Roteiro da entrevista com os docentes

- **Apresentação da Pesquisa**
- **Leitura e assinatura do TCLE**
- **Pedir permissão para gravação**
- **Perguntas:**

Eixo 1: Formação acadêmica do participante e histórico profissional acadêmico (e clínico se for o caso) e pertencimento religioso → aspecto subjetivo.

Pergunta 1: Você poderia me contar sua formação acadêmica em Psicologia e seu histórico profissional acadêmico e clínico caso haja.

Pergunta 2: Você se considera adepto de alguma religião?

Eixo 2: Conhecimento sobre a Psicologia da Religião

Pergunta 3: Você já teve contato com o campo da Psicologia da Religião?

Pergunta 4: Você gostaria de conhecer mais sobre Psicologia da Religião?

Pergunta 5: O que você entende por religiosidade?

Pergunta 6: Você considera importante falar sobre religiosidade durante a formação acadêmica de profissionais de Psicologia?

Eixo 3: Temas da Psicologia da Religião na atividade de docente (em sala de aula (3.1) e na supervisão de estágio (3.2))

3.1 sala de aula

Pergunta 7: Você já foi questionado por algum aluno sobre religiosidade?

Pergunta 8: Você já orientou algum trabalho de conclusão de curso em que surgiram temas relacionados à religiosidade?

Apêndice B – Roteiro da Entrevista Semidirigida

Pergunta 9: Você já promoveu alguma discussão em suas aulas sobre religião, religiosidade ou temas relacionados a esses conceitos?

Pergunta 10: Você já se sentiu desconfortável ou percebeu algum aluno desconfortável para falar sobre religiosidade?

3.2 Psicologia da Religião na supervisão de estágio

Pergunta 11: Você supervisiona ou já supervisionou estágio acadêmico? (se a resposta for não, pular para o próximo eixo)

Pergunta 12: Em algum momento da supervisão do estágio acadêmico apareceu alguma demanda relacionada à religiosidade?

Pergunta 13: Você se considera preparada(o) para supervisionar demandas relacionadas à religiosidade? Houve algum preparo na sua formação para lidar com temas desse tipo?

Eixo 4: dúvidas e comentários

Pergunta 14: Você gostaria de comentar algo mais a respeito do tema tratado na entrevista?